

Daniele Borges da Silva

MODOS DE VIDA E RELIGIOSIDADES:

A COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO
GUARAGUAÇU - PONTAL DO PARANÁ-PR



2021

Daniele Borges da Silva

MODOS DE VIDA E RELIGIOSIDADES:

A COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO
GUARAGUAÇU - PONTAL DO PARANÁ-PR



2021 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2021 Os autores
Copyright da Edição © 2021 Editora e-Publicar
Direitos para esta edição cedidos à Editora e-Publicar pelos autores.

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Roger Goulart Mello

Dandara Goulart Mello

Projeto gráfico e Edição de Arte

Patrícia Gonçalves de Freitas

Revisão

Lucas Barbosa Pelissari

Todo o conteúdo do livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Alessandra Dale Giacomini Terra – Universidade Federal Fluminense

Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Andrelize Schabo Ferreira de Assis – Universidade Federal de Rondônia

Bianca Gabriely Ferreira Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Cristiana Barcelos da Silva – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Cristiane Elisa Ribas Batista – Universidade Federal de Santa Catarina

Daniel Ordane da Costa Vale – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes

Dayanne Tomaz Casimiro da Silva - Universidade Federal de Pernambuco

Diogo Luiz Lima Augusto – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Elis Regina Barbosa Angelo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ernane Rosa Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



2021

Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Fábio Pereira Cerdera – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Francisco Oricelio da Silva Brindeiro – Universidade Estadual do Ceará
Glaucio Martins da Silva Bandeira – Universidade Federal Fluminense
Helio Fernando Lobo Nogueira da Gama - Universidade Estadual De Santa Cruz
Inaldo Kley do Nascimento Moraes – Universidade CEUMA
João Paulo Hergesel - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Jordany Gomes da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Jucilene Oliveira de Sousa – Universidade Estadual de Campinas
Luana Lima Guimarães – Universidade Federal do Ceará
Luma Mirely de Souza Brandão – Universidade Tiradentes
Mateus Dias Antunes – Universidade de São Paulo
Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes
Naiola Paiva de Miranda - Universidade Federal do Ceará
Rafael Leal da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rita Rodrigues de Souza - Universidade Estadual Paulista
Rodrigo Lema Del Rio Martins – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Willian Douglas Guilherme - Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S586m Silva, Daniele Borges da.
Modos de vida e religiosidades [livro eletrônico] : a comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu – Pontal do Paraná-PR / Daniele Borges da Silva. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5364-003-0
DOI 10.47402/ed.ep.b20218890030

1. Guaraguaçu (PR) – Aspectos sociais. 2. Comunidades caiçaras.
3. Religiosidades. I.

CDD 981.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil
contato@editorapublicar.com.br
www.editorapublicar.com.br



2021

Dedico este trabalho aos moradores e moradoras da comunidade caiçara do Guaraguaçu.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho jamais seria possível sem tantas pessoas que fizeram parte dessa trajetória. Agradeço especialmente aos meus pais, Ivone e Adinilton, pelo amor e apoio incondicional.

Agradeço ao professor Antonio Márcio Haliski pela orientação, paciência, compreensão e cordialidade. Estendo os agradecimentos ao professor Ezequiel Westphal, co-orientador e quem me apresentou o mundo rural e suas complexidades. Obrigada por terem acreditado no meu potencial.

Agradeço imensamente à professora Ângela Massumi Katuta e ao professor Rogério Baptistella por aceitarem o convite para participar das bancas de qualificação e defesa da dissertação de mestrado.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Instituto Federal do Paraná *campus* Paranaguá. À bolsa de estudos fornecida pela Fundação Araucária, que me proporcionou dedicação exclusiva à pesquisa durante o ano de 2019.

Ao longo do mestrado houve alguns percalços, principalmente devido à pandemia de Covid-19. Nesse sentido, não poderia deixar de agradecer e enaltecer o Sistema Único de Saúde (SUS) e, em especial, as profissionais Dra. Priscilla Serra e a psicóloga Ana Cláudia Sousa que me acompanharam durante esse período emblemático.

Agradeço às amigas por nunca soltarem a minha mão: Caroline Momente, Maria Tereza, Marta Soares, Bruna Gava, Luana Rauber, Letícia Ramos, Lana Mara, Bruna Nazareno e Juliana Linhares.

Agradeço ao Elton Alves pelas oportunidades profissionais desde a minha chegada no litoral, em 2017. Agradeço imensamente sua confiança e apoio.

Agradeço ao amigo mineiro, Félix, pelas conversas, incentivo e por ter realizado a revisão gramatical da presente dissertação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos moradores e as moradoras da comunidade caiçara do Guaraguaçu que me receberam de braços abertos. Sem vocês essa pesquisa não existiria.

DIZEM

O mundo está bem melhor
Do que há cem anos atrás, dizem
Morre muito menos gente
As pessoas vivem mais

Ainda temos muita guerra
Mas todo mundo quer paz, dizem
Tantos passos adiante
E apenas alguns atrás

Já chegamos muito longe
Mas podemos muito mais, dizem
Encontrar novos planetas
Pra fazermos filiais

Quem me dera
Não sentir mais medo
Quem me dera
Não me preocupar

Temos inteligência
Pra acabar com a violência, dizem
Cultivamos a beleza, Arte e filosofia

A modernidade agora
Vai durar pra sempre, dizem
Toda a tecnologia
Só pra criar fantasia

Deuses e ciência
Vão se unir na consciência, dizem
Vivermos em harmonia
Não será só utopia

Quem me dera
Não sentir mais medo
Quem me dera
Não me preocupar
Quem me dera
Não sentir mais medo algum

Composição: Arnaldo Antunes/Dadi Carvalho/Marisa Monte

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACOMÇU – Associação Comunitária do Guaraguaçu
AL – América Latina
CBG – Congregação Batista do Guaraguaçu
CCB – Congregação Cristã do Brasil
CBB – Convenção Batista do Brasil
CLACSO – Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais
CSPSP – Capela São Pedro e São Paulo
CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade
C&T – Ciência e Tecnologia
EBD – Escola Bíblica Dominical
IBADEP – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus – Ensino e Pesquisa
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular
IFPR – Instituto Federal do Paraná
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus
OMS – Organização Mundial da Saúde
PIB – Primeira Igreja Batista
PICV – Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGCTS – Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade
PR – Paraná
RMC – Região Metropolitana de Curitiba
RP – Reforma Protestante
TC – Tecnologia Convencional
TCLE – Termo de Concordância Livre e Esclarecido
TS – Tecnologia Social
UC – Unidades de Conservação
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	8
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	16
2.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS ENTRE PENSAMENTO E PRÁTICA: REVISÃO DE LITERATURA E PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO GUARAGUAÇU, PONTAL DO PARANÁ/PR.....	16
2.2 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS: O OLHAR DA CTS E O PENSAMENTO DECOLONIAL.....	24
3 A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE TRADICIONAL DO GUARAGUAÇU: MODOS DE VIDA CAIÇARA E SUAS R-EXISTÊNCIAS.....	28
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO GUARAGUAÇU, LITORAL DO PARANÁ/PR.....	28
3.2 SABERES LOCAIS DO GUARAGUAÇU: CONCEITUANDO O CAIÇARA E SEUS MODOS DE VIDA.....	31
3.3 AS R-EXISTÊNCIAS CAIÇARAS NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU NA ATUALIDADE.....	36
4 RECONFIGURAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO E SUAS INFLUÊNCIAS NO MODO DE VIDA CAIÇARA NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	43
4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ASCENSÃO DO PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA.....	43
4.2 DIVERSIDADE RELIGIOSA NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	47
4.3 MUDANÇAS NO MODO DE VIDA CAIÇARA A PARTIR DA INSERÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE.....	67
ANEXO.....	70
SOBRE OS AUTORES.....	74



1 INTRODUÇÃO

Para contextualizar as motivações que levaram à realização desta pesquisa, é preciso retomar ao meu primeiro contato com a temática religião, durante a graduação em Ciências Sociais, em 2015, a partir do Grupo de Estudos “Conectando mundos, repensando relações” e, também, o período em que fui voluntária no Programa de Iniciação Científica (PICV) intitulado “Nos encontramos na ‘nuvem’: o uso ritual da internet entre os evangélicos”. Ambos tinham como perspectiva compreender as relações de tecnologias e conectividade entre grupos de evangélicos/pentecostais no município de Toledo/Pr. Participar desses projetos despertou em mim o interesse em compreender as transformações no âmbito da religião, um dos campos de estudos mais antigos das Ciências Sociais.

Em 2018, já residindo no litoral do Paraná, cursei como aluna não-regular a disciplina “Ruralidades e atores do mundo rural”, ministrada pelo Prof. Dr. Ezequiel Westphal, no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS), no Instituto Federal do Paraná – IFPR, *campus* Paranaguá. Nesse período, pude compreender, pelo menos minimamente, a complexidade do rural, sobretudo no que tange ao litoral paranaense e às comunidades tradicionais que o habitam.

No mesmo ano, a partir da inserção como aluna regular no PPGCTS, vi a oportunidade de dar continuidade aos estudos sobre religião, dessa vez, numa comunidade caiçara. A partir dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), entende-se que a ciência e tecnologia não são produtos autônomos, mas processos inerentemente sociais, em que valores morais e convicções religiosas, por exemplo, desempenham papel decisivo nas transformações sociais.

O que mais me instigou no campo religioso foi o fenômeno do crescimento do movimento evangélico nas últimas décadas. Segundo um recente relatório do *Pew Research Center*, intitulado “Religião na América Latina: mudança generalizada em região historicamente católica”, observa-se que, em 2014, os evangélicos¹ atingiram 19% dessa população, contra 69% dos católicos. Portanto, pode-se dizer que o catolicismo não possui mais o monopólio do cristianismo na América Latina. É importante ressaltar que o crescimento evangélico se deu muito em função do fortalecimento do pentecostalismo (JUNGBLUT, 2018).

¹O termo “Evangélico” é o mais utilizado, tanto no meio acadêmico como no senso comum para se referir aos cristãos protestantes e/ou reformados que são, sobretudo, os não-católicos, pois romperam com as doutrinas e os ensinamentos do catolicismo apostólico romano e (re)criaram seu próprio olhar para o cristianismo (JUNGBLUT, 2018).

Os dados sobre a ascensão dos grupos evangélicos na América Latina refletem diretamente no Brasil, segundo Jungblut (2018, p. 77): “[...] na América do Sul, onde a presença da Igreja Católica é maior, o Brasil é o país com maior proporção de protestantes, com 26%”. As igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais, possuem uma característica “evangelizadora”² focando em se multiplicar. Essas igrejas estão cada vez mais presentes nas áreas rurais, quilombolas, aldeias indígenas, em ilhas, inclusive em comunidades caiçaras, com objetivo de propagar o evangelho.

Esse é o caso da comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu, localizada na área rural³ do município de Pontal do Paraná, litoral do Paraná. Trata-se de uma comunidade relativamente pequena, com uma população de aproximadamente 200 famílias. Nela, há quatro igrejas, todas cristãs, apesar de muito diversas entre si. A religião faz parte do modo de vida caiçara, estando presente na comunidade do Guaraguaçu desde sua formação, há mais de 150 anos⁴. Assim, nos propusemos a compreender o processo de formação da comunidade e de suas religiosidades.

No Guaraguaçu, o cristianismo é tradicionalmente a crença predominante, representada pelo catolicismo através da Capela São Pedro e São Paulo, padroeiros da comunidade. Entretanto, na atualidade, a maioria dos moradores se consideram evangélicos, sendo membros da igreja histórica Congregação Batista do Guaraguaçu, e das igrejas pentecostais Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular.

No campo religioso, quando há mudanças na magnitude que têm ocorrido, o modo de vida de todo um grupo social passa por transformações. A título de exemplificação, é oportuno mencionar o uso de ervas medicinais ou as práticas de benzedeiças tradicionais da cultura caiçara, as quais se encontram paulatinamente sendo marginalizadas até se tornarem

² A origem grega da palavra “evangelho” significa “boa nova” ou “boa notícia” (GREGÓRIO, 1995), portanto, “evangelizar” para os cristãos significa divulgar a boa notícia dos ensinamentos do Cristo. No entanto, dependendo a forma como ocorre essa propagação, com uso de violência (física ou simbólica) para a imposição de uma crença sobre a outra, anulando os valores e saberes dos grupos tradicionais, isso faz com que o “evangelho” apresente-se como uma má notícia, nesse sentido, usou-se o termo entre aspas na presente pesquisa.

³ Foram identificados alguns conflitos em relação ao termo “rural”. Segundo o Plano Diretor de Pontal do Paraná, a comunidade do Guaraguaçu é um bairro urbano do município. No entanto, segundo os depoimentos coletados ao longo da presente pesquisa, os moradores em geral identificaram-se como caiçara e consideram a comunidade como área rural.

⁴ Não encontramos em fontes documentais informações sobre o tempo de existência da comunidade. No entanto, a participante *Tangará*, 64 anos, nasceu na comunidade bem como seus pais e avós, e segundo seu relato, a comunidade possui cerca de 150 anos de existência.

completamente ausentes na comunidade, devido aos conflitos religiosos que se instalam com as referidas transformações.

Dessa forma, a comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu se apresentou como um campo fértil para a realização deste estudo. Segundo Mariz e Machado (1998, p. 25), “[...] a adesão a esses grupos evangélicos implica uma conversão no sentido de que se exige uma transformação no estilo de vida”. Portanto, o objetivo geral da presente pesquisa foi compreender a formação das religiosidades, as permanências e mudanças no modo de vida caiçara após a inserção das igrejas protestantes/evangélicas na comunidade.

A inserção de grupos religiosos em comunidades tradicionais por si só é um fenômeno do interesse das Ciências Sociais. Quando esse fenômeno social alcança proporções na magnitude que vêm alcançando na comunidade do Guaraguaçu, onde há uma diversidade de grupos religiosos presentes num espaço relativamente pequeno, torna-se ainda mais pertinente um estudo sobre os impactos que essa presença representa no modo de vida dos moradores.

A reconfiguração da religião e os conflitos inerentes a essas mudanças estão atreladas à inserção dos movimentos evangélicos nas comunidades tradicionais, fenômeno que tem influenciado e transformado o modo de vida caiçara. Por exemplo, elementos culturais, como as festas tradicionais caiçaras, o baile de fandango e festa do Divino, ou o uso das plantas medicinais e práticas realizadas pelas mulheres benzedoras e rezadeiras, entre outros, estão desaparecendo da comunidade nos últimos anos. Infere-se que uma das causas desse fenômeno social pode estar associada à influência evangélica, que propõe uma transformação da vida por parte dos fiéis e, conseqüentemente, a ruptura com diversas práticas e saberes tradicionais, alterando, assim, os modos de vida caiçara.

Para tanto, analisaram-se os processos de formação e reconfiguração das religiosidades da comunidade do Guaraguaçu, com o objetivo de compreender como se deram essas transformações religiosas, a inserção das igrejas protestantes e pentecostais e a passagem dos fiéis católicos para essas “novas” denominações que se inserem na comunidade. Para tanto, apresentou-se um breve contexto histórico do surgimento do protestantismo e pentecostalismo no Brasil e sua inserção em áreas rurais e comunidades tradicionais. Para isso, é importante compreender o processo de transformação e ressignificação do conceito de rural e o surgimento de novas ruralidades.

A escolha da comunidade Guaraguaçu, especificamente, se deu devido ao fato de ela ter sido historicamente invisibilizada, mesmo apresentando grande potencial para produção de


Tecnologia Social, como a agroecologia, por exemplo, em virtude da sua relação de mutualismo com o meio ambiente. Desde 2017, têm sido desenvolvidas várias atividades nessa comunidade, em conjunto com a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Instituto Federal do Paraná (IFPR) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor Litoral, com objetivo de mostrar a força da agroecologia enquanto movimento social e como Tecnologia Social, capaz de transformar realidades (HALISKI, 2019).

Um dos objetivos específicos desta pesquisa foi visibilizar os modos de vida caiçara da comunidade tradicional do Guaraguaçu. Segundo Diegues e Arruda (2001), entende-se por caiçaras as comunidades formadas pela miscigenação de indígenas, colonizadores europeus e povos africanos escravizados, e que têm um modo de vida baseado na agricultura, pesca e artesanato. No entanto, o conceito de caiçara tem sido ressignificado pelos próprios moradores das comunidades, devido a alguns fenômenos que têm ameaçado seus modos de vida, como a especulação imobiliária e legislações ambientais que transformaram boa parte de seus territórios em Unidades de Conservação (UC). Embora na atualidade muitos moradores do Guaraguaçu não sejam nativos, eles foram acolhidos e todos são considerados caiçaras por viverem e atuarem no litoral (HALISKI, 2019).

A presente pesquisa se justifica principalmente pelos poucos estudos voltados à comunidade do Guaraguaçu. Embora tenham muitos saberes a ensinar, são poucos os pesquisadores que se dedicam a estudar a religião nas comunidades caiçaras. Há poucos escritos sobre essa temática, portanto, o trabalho se baseou nas narrativas dos atores e atrizes sociais, em trabalhos acadêmicos e artigos científicos sobre a comunidade do Guaraguaçu, a maioria escritos pelos próprios moradores.

Na estrutura deste trabalho, além da Introdução, há um item destinado à apresentação da metodologia de pesquisa. Os caminhos metodológicos perpassam o diálogo entre a teoria e a prática. Portanto, num primeiro momento, a pesquisa consiste em revisão de literatura. Num segundo momento, realizou-se pesquisa de campo na comunidade do Guaraguaçu, a partir da metodologia qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas direcionadas aos atores e atrizes sociais da comunidade caiçara. As vertentes metodológicas utilizadas para analisar os dados coletados a partir da revisão literária e da pesquisa de campo baseiam-se no olhar da CTS e no pensamento decolonial.

O desenvolvimento da pesquisa conta com mais dois capítulos. No primeiro, apresentou-se brevemente a formação do litoral do Paraná e a caracterização do campo,



contemplando a formação social, econômica, cultural e os saberes tradicionais da comunidade do Guaraguaçu, com objetivo de compreender e visibilizar os saberes locais.

No segundo capítulo, apresentou-se a formação das religiosidades da comunidade do Guaraguaçu, abordando em subseções informações e depoimentos dos fiéis entrevistados e lideranças religiosas de cada uma das igrejas presentes no campo de estudo. A abordagem inicia-se pelo catolicismo, que é a referência de religião mais antiga e tradicional, bem como a inserção de novos movimentos religiosos na comunidade, com a chegada das igrejas evangélicas – históricas e pentecostais. Essa fase da pesquisa foi realizada principalmente a partir das narrativas dos atores e atrizes⁵ sociais. Por fim, analisam-se os dados coletados com objetivo de evidenciar quais foram as permanências e as mudanças no modo de vida caiçara a partir das transformações no campo religioso. Em seguida, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

⁵ A categoria “atrizes” sociais é um conceito empregado por Gohn (2007) que remete às mulheres. É majoritária a participação e engajamento das mulheres nos movimentos sociais/populares, apesar disso, historicamente, há uma invisibilidade das suas atuações.

2 METODOLOGIA

2.1 Os caminhos percorridos entre pensamento e prática: revisão de literatura e pesquisa de campo na comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu, Pontal do Paraná/Pr

Segundo Minayo (2001), a metodologia é o caminho percorrido no pensamento e na prática para a abordagem da realidade. Por isso, a metodologia deste trabalho consistiu, num primeiro momento, em revisão de literatura para conceituar e compreender a formação das comunidades tradicionais caiçaras, sobretudo a do Guaraguaçu e a importância das religiosidades nesse processo que constitui o modo de vida caiçara. Foram analisados estudos sobre a reconfiguração da religião e a inserção de igrejas protestantes/pentecostais em comunidades tradicionais, a fim de compreender se esse fenômeno social faz parte de um processo de “urbanização do rural” e se ele pode ou não transformar o grupo.

Como afirma Minayo (2001, p. 15), “[...] o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”. Dessa forma, num segundo momento, foi realizada a pesquisa de campo na comunidade do Guaraguaçu, haja vista que é preciso compreender as trajetórias de vida e os processos históricos dos atores e atrizes sociais. Os dados apresentados foram construídos a partir das lembranças, das memórias e histórias contadas. Nesse sentido, registraram-se as narrativas que, posteriormente, foram interpretadas pela pesquisadora. Trata-se, sobretudo, de um trabalho livre, aberto, focado na troca entre pesquisadora e entrevistado (a), conforme preconiza Minayo (2012, p. 623):

Num trabalho de campo profícuo, o pesquisador vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações. É muito gratificante quando ele consegue tecer uma história ou uma narrativa coletiva, da qual ressaltam vivências e experiências com suas riquezas e contradições.

Neto (2001) sugere que a aproximação com os moradores e moradoras deve ser gradual e embasada no respeito efetivo pelas pessoas no interior da comunidade pesquisada. Destaca, ainda, a importância de apresentar a proposta de estudo aos atores e atrizes envolvidos. Portanto, nas abordagens realizadas, foram apresentados aos interlocutores os interesses e pretensões da pesquisa e as possíveis repercussões advindas do processo investigativo.

A escolha da comunidade Guaraguaçu justifica-se pelo fato de ela ter sido historicamente invisibilizada, mesmo apresentando grande potencial para produção de Tecnologia Social (TS), como a agroecologia, por exemplo, devido à relação de mutualismo

com o meio ambiente. Segundo Dagnino (2011, p. 1), entende-se TS como “[...] produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social”. Partindo do pressuposto de que a C&T (Ciência e Tecnologia) não é neutra e que a Tecnologia Convencional (TC), normalmente é produzida por empresas privadas capitalistas com objetivo de maximizar lucros, faz-se necessário a criação de uma tecnologia popular preocupada em satisfazer o consumo popular e as necessidades fundamentais, como saneamento básico e infraestrutura. Além disso, a Tecnologia Social tem como objetivo garantir a inclusão social e o diálogo com os movimentos sociais e comunidades tradicionais.

Na atualidade, têm sido desenvolvidas várias atividades na comunidade do Guaraguaçu, em conjunto com a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Instituto Federal do Paraná (IFPR) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor Litoral. Tais ações visam mostrar a força da agroecologia enquanto movimento social e como Tecnologia Social, capaz de transformar realidades (HALISKI, 2019).

No campo religioso, quando há mudanças na magnitude que têm ocorrido, o modo de vida de todo um grupo social passa por transformações. Por exemplo, em relação ao uso de ervas medicinais ou práticas de benzedeadas tradicionais da cultura caiçara, observou-se um gradativo processo de marginalização até se tornarem completamente ausentes na comunidade, devido aos conflitos religiosos que se instalam com as referidas transformações:

No caso do Guaraguaçu temos o fenômeno da expansão das religiões chamadas evangélicas e, segundo os moradores, o número de adeptos já está em torno de 90%. Por conta disso, possuem resistências até para falar sobre as benzedeadas, mesmo que relacionem seus saberes a elas, pois como disse uma participante de nosso grupo ‘eu não sou e não quero ser chamada de bruxa.’ (HALISKI *et al.*, 2019, p. 15).

Dessa forma, a comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu se apresentou como um campo fértil para a realização da pesquisa. Trata-se de uma comunidade relativamente pequena, com uma população de aproximadamente 200 famílias, na qual há quatro igrejas, todas cristãs, embora muito diversas entre si. A religião faz parte do modo de vida caiçara, estando presente na comunidade do Guaraguaçu desde sua formação, há mais de 150 anos⁶. Assim, é preciso compreender o processo de formação da comunidade e de suas religiosidades.

O meu primeiro contato com o campo de estudo foi durante o “II Encontro Acadêmico-comunitário da Unitinerante: saberes geocológicos tradicionais e diversidade socioterritorial”,

⁶ Segundo depoimento de moradores a comunidade existe há aproximadamente 150 anos.

realizado no Guaraguaçu, em agosto de 2018. A inserção na comunidade aconteceu de forma orgânica, natural, através do orientador prof. Dr. Antonio Marcio Haliski, que há anos vem desenvolvendo diversos projetos junto à população local.

A partir disso, o processo de observação e participação na comunidade se tornou mais frequente e consistiu em participar como ouvinte em encontros, reuniões da Associação de Moradores, auxiliar na realização de eventos, com objetivo de estabelecer relações com os atores e atrizes sociais que, em outro momento, participariam da pesquisa como entrevistados (as), respondendo aos questionários semiestruturados⁷, conforme a metodologia de pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22).

Minayo (2001) afirma que a pesquisa qualitativa consiste num “ciclo sem fim”, que começa com um problema, uma pergunta de partida que leva a nossas interrogações.

O processo começa com o que denominamos *fase exploratória da pesquisa*, tempo dedicado a interrogarmos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo. Seu foco fundamental é a construção do projeto de investigação. Em seguida, estabelece-se o *trabalho de campo* que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias. (MINAYO, 2001, p. 23-24).

As entrevistas foram realizadas na comunidade do Guaraguaçu, localizada na área rural do município de Pontal do Paraná, aproximadamente há 20 km de distância de Paranaguá/Pr. Os depoimentos dos atores e atrizes foram coletados a partir de longas conversas, em suas casas, em diferentes ambientes: no sofá da sala; no banquinho à sombra das árvores; na floricultura da comunidade etc. Ao final das conversas, além de todo saber compartilhado, foram apreciadas fotografias antigas que ilustram as histórias contadas. A pesquisadora também foi presenteada com mudas de plantas, ervas para fazer chá, frutas e passeios por dentro dos quintais das casas que contemplam a Mata Atlântica e o rio Guaraguaçu.

⁷ Em geral, as entrevistas podem ser *estruturadas* e *não-estruturadas*, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, na qual o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as *estruturadas*, que pressupõem *perguntas previamente formuladas*. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como *entrevistas semiestruturadas* (NETO, 2001, p. 58).

Foram entrevistados 9 moradores e membros de igrejas do Guaraguaçu, e duas lideranças religiosas, representando a Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ). Os questionários com perguntas semiestruturadas, disponíveis nos apêndices 1 e 2 deste trabalho, estão divididos em três seções temáticas: 1) Identificação do entrevistado; 2) Modos de vida caiçara; 3) Religiosidades. Foram utilizados dois modelos de questionários, sendo um voltado para membros das igrejas, contendo 24 questões e, outro direcionado às lideranças religiosas, com 28 questões.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (NETO, 2001, p. 57).

Ao escolher as pessoas que participaram da pesquisa, optou-se por aquelas com quem já havia aproximação por meio de outros projetos desenvolvidos pelo IFPR junto à comunidade. Assim, foi se estabelecendo uma relação de confiança entre pesquisadora e entrevistadas(os). Fazer parte de um dos grupos religiosos presentes no Guaraguaçu foi outro critério para a escolha dos participantes. Por questões éticas, os nomes das atrizes e atores sociais que participaram da pesquisa foram preservados. Dessa forma, neste texto, os(as) participantes da pesquisa são identificados com nomes de aves presentes na Mata Atlântica, como forma de homenagear a biodiversidade local, conforme a Tabela 1. Na presente pesquisa, os nomes das igrejas são representados por meio de abreviações, sendo: Capela São Pedro e São Paulo (CSPSP); Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG); Congregação Cristã do Brasil (CCB); e Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ).

Tabela 1 – Identificação e perfil dos(as) membros religiosos

Identificação	Idade	Sexo	Ocupação	Naturalidade	Tempo de vida na comunidade	Igreja
Tiriba	57 anos	F	Consultora de viagem	Piauí	14 anos	CSPSP
Bem-te-vi	42 anos	M	Servidor público	Guaraguaçu	Não reside na comunidade	CSPSP
Harpia	53 anos	F	Comerciante	Guaraguaçu	53 anos	CBG
Gralha Azul	65 anos	F	Aposentada e empreendedora	Londrina/PR	27 anos	CBG
Guará	44 anos	M	Empresário e empreendedor	Ivaiporã/PR	4 anos	CCB
Tangará	64 anos	F	Empreendedora e agricultora familiar	Guaraguaçu	64 anos	CCB
Jacutinga	68 anos	F	Aposentada	Guaraguaçu	68 anos	IEQ
Araponga	56 anos	F	Aposentada	Guaraguaçu	56 anos	IEQ
Sabiá	57 anos	M	Comerciante	Guaraguaçu	57 anos	IEQ

Fonte: Autora (2019-2020).

A *Tiriba* é turismóloga, 57 anos, nasceu no estado do Piauí, mas há 14 anos é moradora do Guaraguaçu. Apesar de não ter nascido na comunidade, se identifica como caiçara e considera que ser caiçara é “*viver a vida simples da área rural, ter o contato com a terra, o rio... ser caiçara é ter esse jeito simples de viver.*” É católica desde o berço, atualmente possui cargos e funções na Capela São Pedro e São Paulo (CSPSP), no Guaraguaçu, considera-se muito praticante e frequenta a missa todos os domingos de manhã.

O segundo participante, *Bem-te-vi*, tem 42 anos, autodeclarado caiçara, nascido na comunidade do Guaraguaçu, onde reside até hoje, é funcionário público do município de Pontal do Paraná-Pr. Teve uma formação católica, mas ultimamente frequenta pouco as missas: “[...] *frequento às vezes a Capela São Pedro São Paulo, às vezes vou à Igreja do Rocio em Paranaguá ou na igreja em Pontal do Paraná.*”

A *Harpia* tem 53 anos, identifica-se como caiçara, nasceu na comunidade do Guaraguaçu, onde reside até hoje. Filha de mãe cipozeira e pai agricultor, trabalhou na roça até os 12 anos de idade, atualmente é comerciante. É cristã praticante na Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG), frequenta a igreja aos domingos de manhã e à noite, e aos cultos de quarta e sexta-feira. É participante assídua e possui cargos e funções junto à igreja. Desde que nasceu, frequenta essa igreja, conforme depoimento:

Primeiro que eu nasci nela. Não é por pai, não é por mãe, é porque você tem que ter algum compromisso em alguma igreja né, não pode ficar vulnerável...então o que me levou ali [na Batista] foi porque eu creio no ensinamento e ali eu me identifico porque eu moro aqui. Não tinha porque eu ir em outra localidade e minha mãe e meu pai são daqui né. (Participante 3)

A *Gralha Azul* tem 65 anos, é aposentada, mas atua como empreendedora na comunidade. Possui formação superior em Administração e Matemática e, ao longo da vida, trabalhou também como comerciante, ceramista e na confecção de artesanatos de barro e tecido. Nascida e criada em Londrina, interior do Paraná, há 27 anos se mudou para o litoral do Paraná com a família. “*Me considero uma pessoa fixa aqui. Não pretendo voltar para minhas origens. Pra você viver bem não precisa de bastante dinheiro, ter qualidade de vida é bem melhor.*” Desde criança foi ensinada sob os ensinamentos católicos, já foi inclusive professora de catequese. Porém, há 8 anos é membro da Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG).

O *Guará* tem 44 anos de idade, nascido em Ivaiporã, interior do Paraná, ao longo da vida morou também em Maringá e Curitiba. É empresário e há quatro anos se mudou com a família para a comunidade do Guaraguaçu a fim de empreender a partir do turismo ecológico rural: “*No meu caso, eu trabalho diretamente com turismo, meu foco é trazer o turista para*

apreciar tudo o que nós temos de bonito aqui no local.” Apesar de não se autodeclarar caiçara, ele reconhece a importância dos saberes locais para a comunidade: “Eu venho de berço de agricultores. Meu pai é agricultor até hoje, meus tios são agricultores, então eu nasci e cresci no campo, sempre tive a presença do campo. Claro que os costumes caiçaras são um pouco diferenciados de alguém que apenas nasceu no campo. Meu ponto de vista na comunidade aqui, ser caiçara é você conseguir sobreviver de tudo o que a natureza te oferece. O caiçara é muito guerreiro, sabe, por conseguir sobreviver apenas com aquilo que a terra pode oferecer.” No que se refere à religião, o participante 5 conta sobre a transição do catolicismo para a igreja evangélica: “[...] hoje eu sou da Igreja Congregação do Brasil, sou crente, e cheguei nessa religião pela minha esposa, antes eu era católico. Nasci católico, fiz crisma, era praticante.”

A *Tangará* tem 64 anos, nasceu na comunidade do Guaraguaçu, vive na comunidade até hoje, identifica-se como caiçara. Quando criança começou a trabalhar na agricultura com seu pai e na confecção de artesanatos de cipó, atualmente é empreendedora. Criada na Igreja Católica, aos 15 anos mudou-se para a Igreja Batista. Após se casar, ficou um período de 10 anos sem participar de nenhuma igreja, mas há 26 anos frequenta a Igreja Congregação Cristã do Brasil (CCB). “*Eu frequento assim uma vez por semana...quinta-feira é o dia de culto. Mas nem sempre eu vou, às vezes eu falto, eu não sou aquela pessoa assim muito fanática.*”

A *Jacutinga* tem 68 anos de idade, é aposentada e dona de casa. Nasceu na comunidade do Guaraguaçu. “[...] *Eu cresci na roça, desde criança trabalhando, eu fui estudar estudei só um pouquinho. Minha ocupação antes era na roça, eu sei plantar abacaxi, sei plantar arroz, sabe do outro lado do rio eu pegava canoa ia remando, eu sei remar...*”. Cresceu sob os ensinamentos do catolicismo, praticava benzimentos, possui conhecimentos sobre uso de ervas medicinais, no entanto, há mais de 20 anos se converteu à Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), frequenta os cultos aos domingos e quintas, é participante assídua e canta no coral.

Nativa da comunidade do Guaraguaçu, *Araponga* tem 56 anos de idade e saberes locais inestimáveis. Desde criança trabalhou com o pai na agricultura, principalmente na plantação de abacaxi, arroz e produção de farinha, possui vasto conhecimento sobre o uso de plantas/ervas medicinais e praticava benzimentos. Foi criada sob os dogmas católicos, porém, aos 22 anos, quando se casou, mudou-se para Praia de Leste, Pontal do Paraná-Pr, e começou a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), ao retornar para a comunidade continuou participando dessa igreja que havia se instalado no local.

Aos 57 anos de idade, o *Sabiá* é comerciante, nascido e criado no Guaraguaçu, considera-se caiçara com muito orgulho. Segundo ele, os maiores símbolos que representam a comunidade são o rio e a natureza, e os benefícios de viver nesse local são tranquilidade e melhor qualidade de vida. Evangélico, ajudou a fundar e construiu com as próprias mãos o templo da Igreja Quadrangular do Guaraguaçu (IEQ) na comunidade.

A primeira liderança entrevistada foi o Evangelista da Congregação Batista do Guaraguaçu, 68 anos, natural de Paranaguá-PR, onde vive atualmente. Está à frente da igreja na comunidade há cinco anos. A segunda liderança entrevistada é pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, 32 anos, nasceu e cresceu na comunidade do Guaraguaçu e atualmente reside no município de Pontal do Paraná-PR. Está na liderança dessa igreja há três anos. Na Tabela 2, a seguir, está a identificação e perfil das lideranças religiosas entrevistadas.

A princípio, pretendia-se entrevistar pelo menos uma liderança de cada igreja presente na comunidade do Guaraguaçu. No entanto, no decorrer da pesquisa, alguns acontecimentos inviabilizaram esse contato. O isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19 impossibilitou o acesso ao Guaraguaçu e aos moradores. Outro fator foi a dificuldade em contatar as lideranças pelo telefone ou outros meios de comunicação. Acredita-se que os depoimentos das lideranças enriqueceriam o presente trabalho, porém, as entrevistas realizadas foram suficientes para alcançar os resultados almejados e cumprir o propósito da pesquisa.

TABELA 2 – Identificação e perfil dos(as) das lideranças religiosas

Identificação	Idade	Sexo	Ocupação	Naturalidade	Local em que reside	Igreja
Liderança 1	68 anos	M	Empresário aposentado/Evangelista/Pastor	Paranaguá/Pr	Paranaguá/Pr	IBG
Liderança 2	32 anos	M	Pastor	Guaraguaçu	Pontal do Paraná/Pr	IEQ

Fonte: Autora (2021).

De acordo com Gomes (2002), a análise ou interpretação dos dados necessita de um olhar atento. Essa fase da pesquisa possui duas principais funções: comprovar ou não as hipóteses e/ou questões iniciais e compreender além do que está sendo comunicado. É preciso estar ciente de que, através da pesquisa qualitativa, pode ser que após a análise dos dados, percebe-se que os dados não são suficientes para ter conclusões. Nesse caso, é necessário voltar a campo e realizar novas coletas, entrevistas, enfim, repetir processos. Por outro lado, pode

ocorrer a saturação de dados e ser necessário cessar as entrevistas por já ter informações suficientes.

Ao longo da pesquisa, foi necessário realizar mudanças e adaptações no que tange ao formato como as entrevistas estavam sendo realizadas. No início do ano de 2020, infelizmente, o mundo foi acometido pelo novo coronavírus, Covid-19. Devido à pandemia, houve prejuízos em todas as áreas (política, econômica, social, educacional, etc.). Nesse contexto, a pesquisa de campo também foi afetada, visto que o isolamento social é praticamente a única prevenção contra o contágio – além da vacinação, iniciada apenas em 2021 no Brasil. Dessa forma, ficou inviável continuar frequentando a comunidade do Guaraguaçu, devido ao risco de exposição ao vírus.

Em respeito ao isolamento social, optou-se por suspender a pesquisa de campo bem como a realização de entrevistas por alguns meses. No entanto, como a curva de disseminação do vírus no Brasil aumentava a cada dia e, por isso, o período de quarentena não tinha previsão para terminar, foi preferível realizar alterações metodológicas para evitar maiores prejuízos à pesquisa. Considerando que os atores e atrizes sociais são guardiões dos saberes locais do litoral, e por serem em sua maioria idosos, tornam-se mais vulneráveis e frágeis, razão pela qual optou-se por preservá-los.

Anteriormente à pandemia, na primeira fase das entrevistas, foram realizadas todas as entrevistas com moradores/membros religiosos da comunidade. Essas entrevistas foram feitas pessoalmente, na casa dos(as) participantes, com o intuito de que eles(as) se sentissem confortáveis e à vontade para contar sobre suas trajetórias de vida. Já na segunda fase, devido à pandemia, as entrevistas com as lideranças religiosas da comunidade do Guaraguaçu aconteceram por telefone.

Tais mudanças causaram limitações à pesquisa, pois, muitas vezes, as nuances e detalhes que são as riquezas da pesquisa de campo acabam submergindo devido ao distanciamento do contato digital e telefônico. Outro desafio das entrevistas realizadas a distância é que este foi também o primeiro contato com essas pessoas; então, foi uma relação muito diferente da experiência vivenciada com os moradores membros das igrejas, pois, além das entrevistas com eles terem sido realizadas presencialmente, já havia sido construída uma relação entre pesquisadora-entrevistado(a) ao longo de um ano e meio. Contudo, esses foram os meios

encontrados para dar continuidade à pesquisa, com o esforço de não comprometer o bom resultado almejado.

2.2 Perspectivas metodológicas: o olhar da CTS e o pensamento decolonial

A análise dos dados coletados na pesquisa se apresenta sob aspectos da metodologia decolonial. A escolha dessa vertente como viés epistemológico se deu devido à necessidade de compreender os conflitos da América Latina a partir do olhar de nativo. O grupo Colonialidade/Modernidade surgiu na década de 1990, a partir de um conjunto de intelectuais, em sua maioria latino-americanos, preocupados em compreender a realidade do ponto de vista da sua cultura local. A partir da compreensão dos conceitos de colonialidade e modernidade, é possível visualizar as consequências do colonialismo arraigadas na sociedade, não apenas no âmbito cultural, mas também na questão epistemológica, constituindo o “sistema-mundo”, ou seja, a padronização do europeu/euro-norte-americano-moderno/capitalista/colonial/patriarcal /branco.

O conceito de modernidade está tradicionalmente relacionado com os acontecimentos históricos da Europa. Desde o século XV, período conhecido como Renascimento, a fé e a religião deixam de ser consideradas suficientes para explicar os fatos do mundo. Posteriormente, com o Iluminismo, no século XVIII, ocorre a ascensão da razão e, a partir desses acontecimentos, surge a ciência moderna e espalha-se por toda Europa e depois para os demais continentes com os processos de invasão.

A definição tradicional deste conceito reproduz a ideia de que a “[...] modernidade é uma emancipação, uma ‘saída’ da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano.” (DUSSEL, 2005, p. 28). Essa visão é eurocêntrica, pois indica os fenômenos intraeuropeus como ponto de partida da “modernidade” e acredita que seu desenvolvimento depende unicamente da Europa, e todos os outros modos de vida são marginalizados e inferiorizados. “O ‘eurocentrismo’ da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como ‘centro’” (DUSSEL, 2005, p. 30).

Em 1970, em contrapartida a essa concepção eurocêntrica do surgimento da modernidade, uma organização interdisciplinar de intelectuais sul-asiáticos criou o Grupo de Estudos Subalternos, com objetivo de interpretar a história a partir de epistemologias próprias,

valorizando a cultura local a partir da crítica à “história universal” do desenvolvimento e do conceito tradicional de Modernidade.

Inspirados pelos primeiros grupos pós-coloniais, em 1992, intelectuais de diferentes áreas do conhecimento fundaram o Grupo de Estudos Latino-americano de Estudos Subalternos. No entanto, em 1998, alguns pensadores decidiram romper com o grupo, pois este ainda estava sob grande influência de autores europeus. A partir dessa ruptura, formaram o Grupo Modernidade/Colonialidade⁸.

Os intelectuais que compõem o Grupo Modernidade/Colonialidade apresentam uma concepção de modernidade diferente da versão tradicional eurocêntrica. “A Modernidade nasce *realmente* em 1492: esta é nossa tese. Sua real superação é a subsunção de seu caráter emancipador do racional europeu transcendido como projeto mundial de libertação de sua Alteridade negada: A Trans-Modernidade.” (BALLESTRIN, 2013, p. 107). Para esses pensadores, a Modernidade se constitui desde o “descobrimento da América”, em 1492, e não a partir da Europa, no século XVIII, como a História costuma ser contada. Ao olhar para a Europa como parâmetro para medir o desenvolvimento, o progresso ou mesmo para dizer se uma determinada cultura é moderna ou não, configura-se um pensamento etnocêntrico e eurocêntrico.

[...] prefere-se utilizar o termo “decolonial”, suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua. (COLAÇO e DAMÁZIO, 2012, p. 8)

O pensamento decolonial, portanto, se estabelece a partir da compreensão do que foi o colonialismo e como suas consequências estão arraigadas na sociedade. Uma das principais consequências é chamada de “sistema-mundo” moderno/colonial, ou, como Grosfoguel (2008, p. 115) chamou de “[...] sistema-mundo europeu/euro-norte-americano-moderno/capitalista/colonial/patriarcal”.

A ideia tradicional de modernidade, por meio da universalização dos modelos ocidentais, resultou na marginalização das histórias e saberes locais das comunidades

⁸ Segundo Dussel (2005), um dos fundadores, o Grupo Modernidade/Colonialidade foi constituído em 1998, formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas. O grupo foi se estruturando por meio de seminários, diálogos e publicações. “Um importante encontro apoiado pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e realizado na Universidad Central de Venezuela, reuniu pela primeira vez Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil.” (BALLESTRIN, 2013, p. 97). No ano 2000, foi lançada a mais importante publicação coletiva do Grupo Modernidade/Colonialidade, intitulada *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*.

tradicionais, consideradas inferiores e subalternas. Assim, o mundo estaria dividido em uma linha abissal que separa o que é relevante do irrelevante, a partir de uma concepção que considera como “nós” aqueles que estão dentro de um certo padrão e como os “outros” aqueles que estão fora deste padrão.

A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dele há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética. (SANTOS, 2009, p. 24).

Segundo Santos (2009), o pensamento moderno ocidental ainda atua por meio de dominações, dividindo o mundo em linhas abissais: de um lado é representado pelo conhecimento científico eurocentrado e, do outro, pelos conhecimentos locais e tradicionais das comunidades excluídas da sociedade. Para Santos (2009, p. 31), “[...] a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal.”. O pensamento abissal é baseado numa hierarquização epistêmica, em que a ciência moderna está no topo e é constituída como única, objetiva e universal, enquanto os saberes locais e os modos de vida tradicionais são marginalizados, denominados como senso comum e invalidados.

Este pensamento vem sufocando as culturas e os saberes, provocando um epistemicídio, ou seja, o extermínio da diversidade epistemológica existente, em especial no Sul global, pois está “do lado de lá” da linha abissal (SANTOS, 2009, p. 12). Existem diferentes formas de epistemicídios as quais as comunidades tradicionais estão sujeitas a sofrer, “[...] desde a evangelização e a escolarização ao genocídio ou à devastação ambiental” (NUNES, 2009, p. 235).

A decolonização propõe a ruptura com a lógica monológica e hegemônica da modernidade. A partir da noção de transmodernidade, busca-se pensar a modernidade/colonialidade de forma crítica às diversas maneiras de colonialidade do poder, do saber e do ser. A decolonização do pensamento é contra-hegemônica e parte do pressuposto de que não existe uma sociedade verdadeiramente emancipada se ela não puder expressar sua fé, seu modo de vida.

Decolonizar não significa “deixar de ser colonizado”, no sentido de “desfazer” a colonização, pois não é possível apagar o que a colonização impôs, visto que se perpetua até hoje. Segundo Walsh (2009, p. 14), “[...] o que se busca é: alternativas para traçar um rumo novo para os povos”. Para tanto, um dos caminhos é a superação da ideia clássica de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico baseado na apropriação e

exploração da natureza. Nesse sentido, o Bem Viver se apresenta como uma alternativa ao desenvolvimento, pois se preocupa com questões para além da economia, como o bem-estar, a qualidade de vida, espiritualidades, natureza, modos de vida, consumo, política, ética e sustentabilidade (ALCANTARA e SAMPAIO, 2017).

[...] os caminhos para o Bem Viver são caminhos: não capitalistas, não patriarcais, não modernos/coloniais, não racionalistas, não mecanicistas, não tecnicistas, não economicistas, não etnocidas, não epistemicidas, não ecocidas, contra-hegemônicos. São caminhos que o racismo, o individualismo, o egoísmo, a ganância, a eficiência, a competição, o industrialismo, o desenvolvimentismo, o extrativismo, a acumulação com concentração e por despossessão, a pedagogia da resposta adotada por seguidores de caminhos, não conseguem construir. O comunitarismo, a solidariedade, a emoção, a paixão, o compromisso, o amor, a suficiência, a complementação, a reciprocidade, o cuidado com o Outro, a resistência, a insurgência, a autonomia, a soberania, a pedagogia da pergunta adotada por construtores de caminhos, estão entre os ingredientes para a construção de caminhos ao Bem Viver. (SILVA, 2017, p. 7-8).

Segundo Acosta (2016), o Bem Viver se apresenta como uma barreira ao discurso insustentável de desenvolvimento com raízes coloniais e visões excludentes. É necessária a construção de um discurso (e prática) contra-hegemônico que subverta o discurso dominante capitalista vigente bem como seus mecanismos de dominação.

A partir dessas constatações metodológicas, a presente pesquisa apresenta uma reflexão sobre os possíveis conflitos de religiosidades e as transformações que estão ocorrendo nesse campo, através de estudo de caso na comunidade tradicional Caiçara do Guaraguaçu. Para tanto, consideram-se alguns critérios a serem observados, como as permanências e as mudanças no modo de vida caiçara a partir da inserção de grupos religiosos evangélicos. Nessa perspectiva, faz-se necessário conhecer profundamente o campo de estudo e a história do Guaraguaçu, conforme caracterização da comunidade apresentada a seguir, no Item 3 deste trabalho.

3 A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE TRADICIONAL DO GUARAGUAÇU: MODOS DE VIDA CAIÇARA E SUAS R-EXISTÊNCIAS

Este capítulo está dividido em três seções. A primeira apresenta de forma breve a formação do litoral do Paraná bem como a delimitação do campo de estudo que se situa na comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu, localizada no município de Pontal do Paraná/PR; apresenta ainda uma discussão sobre as complexidades e contradições em torno do conceito de rural, que tem passado por transformações ao longo das últimas décadas. Na segunda seção, são expostas e discutidas algumas das várias definições do caiçara e seus modos de vida, segundo as literaturas mais recentes. Abordam-se, também, os conflitos enfrentados pelos moradores e moradoras devido às legislações ambientais e especulação imobiliária, fenômenos que têm expulsado as populações da comunidade, provocando mudanças no modo de vida caiçara. Ainda nessa seção, apresentam-se os simbolismos e as riquezas presentes na comunidade do Guaraguaçu, algumas em vias de extinção. Na seção três, dando continuidade à exposição dos diversos saberes locais, apresenta-se o que é ser caiçara, segundo os próprios caiçaras, e como eles ressignificaram seus modos de vida para poderem continuar r-existindo⁹ em seus territórios de origem. Como um dos objetivos específicos desta pesquisa é visibilizar a comunidade do Guaraguaçu, este capítulo, em especial, está repleto de informações, imagens e depoimentos que evidenciam as belezas, os saberes, fazeres e a biodiversidade que constituem o modo de vida caiçara.

3.1 Caracterização da comunidade tradicional caiçara do Guaraguaçu, litoral do Paraná/Pr

O litoral do Paraná é composto por sete municípios que a socióloga Estades (2003) classifica em três grupos, que correspondem às suas principais características, são eles: os portuários (Paranaguá e Antonina); os rurais (Morretes e Guaraqueçaba); e os praiano-turísticos (Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná). Todos esses municípios foram desmembrados da cidade de Paranaguá, sendo que Pontal do Paraná foi emancipado somente em 1997, sendo o mais novo do Litoral, localizado aproximadamente a 120 km de distância da capital Curitiba.

Conforme dados do Plano Diretor (2004, p. ?), “[...] o processo de ocupação [de Pontal do Paraná] foi motivado tanto pelo aumento do poder econômico da classe média, como também pelo aumento do interesse pelo turismo, em muitos casos, ambos aliados à especulação

⁹O termo r-existência é utilizado por Gonçalves (2009) para se referir a grupos tradicionais que precisam constantemente ressignificar seus modos de vida como forma de resistência ao sistema capitalista vigente.

imobiliária”. Segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o município de Pontal do Paraná possui 20.920 habitantes e a estimativa era de 27.284 para o ano de 2019. No entanto, nos municípios praianos, existe um fenômeno importante que ocorre durante o ano todo, mas que se concentra no verão e se intensifica nas festas de fim de ano e Carnaval: “[...] a afluência em temporada está estimada em 1,5 milhão de pessoas, o que multiplica a população de todo o litoral por mais de 6 vezes e a dos municípios praianos por 23 vezes” (ESTADES, 2003, p. 27-28).

Segundo Estades (2003), o crescimento populacional nos municípios praianos se dá principalmente pela busca por melhor qualidade de vida. Se por um lado, o litoral paranaense tem atraído populações de classe média que buscam lazer e diversão, por outro, também tem sido constantemente o destino de pessoas pobres à procura de trabalho, moradia e de melhores condições de vida. Isso estaria sendo induzido principalmente “[...] pelas expectativas geradas pela expansão das atividades portuárias de Paranaguá e das atividades relativas ao turismo praiano; e favorecido pela proximidade do litoral à Região Metropolitana de Curitiba” (ESTADES, 2003, p. 30-31).

O campo de estudo da presente pesquisa está delimitado à comunidade do Guaraguaçu, considerada tradicionalmente caiçara, localizada na área rural do município de Pontal do Paraná/Pr, na Rodovia Argus Thá Heyn, km 14,5, na PR 407 no Litoral paranaense há mais de 150 anos, às margens do rio de mesmo nome, conforme mostra a Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Localização da área de estudo.



Fonte: Google Earth pro (2019).

No entanto, há muitas contradições entre as definições de rural segundo os censos e a realidade, visto que “[...] o ‘rural’ não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma.” (WANDERLEY, 2000, p. 88). Além disso, as Ciências Sociais se preocupam em apresentar conceitos precisos e objetivos, a partir da tradição e das narrativas dos atores e atrizes sociais, enquanto os censos apresentam resultados embasados em opinião política, conforme Siqueira e Osório:

[...] o conceito de rural utilizado pelo IBGE (PNADs, Censos...) é o seguinte: o que o município define como rural em seu plano diretor. Ora o plano diretor de ordenamento espacial dos municípios é elaborado por uma equipe de técnicos, mas é submetido à aprovação das câmaras municipais. Ou seja, são critérios políticos que definem, em última análise, o que é urbano e o que é rural. E os políticos não decidem com base em critérios racionais, mas com base na tradição e nas representações que eles têm do que é o rural, já que esta história de fazer conceitos precisos e objetivos é um problema das ciências sociais e não da política. Concluindo, podemos dizer que o conceito de rural está passando por uma reelaboração. (SIQUEIRA e OSÓRIO, 2011, p. 77).

Enquanto para o plano diretor do município o Guaraguaçu é considerado um bairro urbano de Pontal do Paraná, “[...] os atores e atrizes consideram o local como uma comunidade, e vão continuar dizendo que é comunidade” (SILVA, 2019, p. 95). O plano diretor considera os aspectos técnicos para definir o que é rural e o que é urbano, sendo norteado por influências políticas e pela especulação imobiliária. No entanto, os cientistas sociais levam em consideração outros fatores, como o modo de vida, a percepção dos moradores, os elementos socioculturais e as ressignificações do campo, aspectos mais profundos que uma análise técnica não é capaz de alcançar.

Segundo Haliski *et al.* (2019, p. 10), é notória a invisibilidade do rural no litoral, ao ponto de alguns moradores do Guaraguaçu pagarem IPTU¹⁰: “[...] A invisibilidade crônica de um rural em um município praiano intensifica uma espécie de especulação imobiliária onde tudo passa a valer para a ‘regularização’ e ‘valorização dos imóveis”. Ainda de acordo com os autores, a diversidade de atores sociais na comunidade, que inclui, além dos caiçaras, os povos originários da aldeia indígena M’Bya Sambaqui, há também a presença de pessoas de outras regiões do estado que moram ou têm imóveis no Guaraguaçu com o fim de lazer ou empreender através do comércio turístico. Porém, isso não se trata de uma “urbanização”, mas são transformações que resultam num novo rural (HALISKI *et al.*, 2019).

Portanto, a comunidade do Guaraguaçu é formada por um grupo bastante heterogêneo,

¹⁰ Imposto Predial e Territorial Urbano.

conforme Haliski *et al.* (2019, p. 8):

Ao todo temos [no Guaraguaçu] um universo de aproximadamente 120 famílias na comunidade e que exercem distintas atividades como, por exemplo, de moradia e que realizam trabalho em áreas urbanas de Pontal do Paraná e Paranaguá, famílias que moram em áreas urbanas de outros municípios e apenas possuem uma chácara de lazer, moradores com atividades como o Café Caiçara ou para lazer como é o caso do automodelismo ou mesmo de hospedagem como na propriedade do Ecoguaraguaçu, marinas, casas com comércio na beira da rodovia PR407 e até uma aldeia indígena. Nesse sentido, o nosso grupo é heterogêneo.

Privilegiados com uma beleza natural, os moradores do Guaraguaçu têm a Mata Atlântica como quintal de suas casas, por isso, o modo de vida caiçara é conhecido por possuir uma relação de mutualismo com o meio ambiente. Essas comunidades são definidas como “tradicionais”, pois suas atividades causam pouco impacto na natureza e são responsáveis pela preservação da área que ocupam. Atividades como caça, pesca e extrativismo faziam parte do dia a dia dos moradores e o modo como fazer o manejo ambiental foram adquiridos pelas gerações passadas.

3.2 Saberes locais do Guaraguaçu: conceituando o caiçara e seus modos de vida

As comunidades caiçaras se formaram na região litorânea dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina. Há muitas variações no termo caiçara, tendo em vista que as transformações sociais, a globalização e o avanço da ‘modernidade’ afetam diretamente as populações tradicionais. Segundo Diegues (2004), historicamente, os caiçaras são os moradores de comunidades formadas a partir da miscigenação entre povos indígenas, colonizadores europeus e povos africanos escravizados. Tinham um modo de vida baseado exclusivamente na agricultura de subsistência, pesca artesanal, extrativismo vegetal e do artesanato.

Diegues (2017, p. 51-52) apresenta as definições de caiçara e seus modos de vida:

A cultura caiçara é aqui definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados que orientam os indivíduos dessas comunidades em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade, expressando-se também em produtos materiais (tipos de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança e rituais religiosos).

Seu *modo de vida* é entendido como a forma pela qual as comunidades caiçaras da região organizam sua produção material e suas relações sociais e com o sobrenatural dentro de um determinado contexto espacial e cultural. A produção material e não material da vida não são espaços separados, mas combinam-se para produzir seu modo de vida. O fato de não utilizarem a escrita, de serem sociedades em que o conhecimento é gerado e transmitido pela oralidade através de um linguajar particular, de conhecerem os ciclos naturais e dependerem deles para sua sobrevivência e de viverem em pequenos aglomerados com atividades organizadas no interior de unidades familiares, cujas técnicas têm baixo impacto sobre a natureza, fazem com que as comunidades caiçaras possam ser definidas como “tradicionais”.

Na atualidade, o modo de vida caiçara é marcado por alguns fenômenos que iniciaram entre as décadas de 1950 e 1960, principalmente pela especulação imobiliária e a transformação de boa parte de seus territórios em unidades de conservação, proibindo a presença humana e, com isso, expulsando as populações locais. Nesse contexto, “[...] nos casos em que essa expulsão não ocorreu fisicamente, as comunidades foram, na sua quase totalidade, impedidas de exercer seu modo de vida, baseado na agricultura itinerante, na pesca e na coleta” (DIEGUES, 2017, p. 55).

Havia outras atividades e elementos culturais presentes na comunidade do Guaraguaçu, como os artesanatos de cipó, extensas plantações de abacaxi, produção de farinha, bailes de fandango, festas tradicionais como a do “peão de porcadeiro”¹¹, festa do Divino, entre outras. Esses elementos da cultura caiçara não estão mais presentes na comunidade ou estão em menor grau. Como é o caso dos artesanatos de cipó, que já foi a principal fonte de renda da comunidade, porém, atualmente é uma atividade secundária e pouco realizada. Um dos maiores entraves que as cipozeiras enfrentaram foi referente à legislação ambiental que proíbe a extração do cipó, afetando diretamente a confecção de artesanatos, símbolo da cultura e da identidade caiçara, conforme relata a *Tibira*:¹²

Então, eu fazia chapéu, fazia espelho, cesto, cachepó, fazia tudo quanto você imaginava... cestinho, porta garrafa... nós não tinha forma, nossa forma era nossa mente, nossa mão. Nunca fiz nada com forma, toda vida eu procurava saber... porque o cipó é como um crochê, quando você sabe o primeiro ponto, você faz tudo. (Tangará, 2019).

Eu fazia assim, na semana: 10 espelhos, 10 cestão e punha aos domingos, que eles [turistas] desciam sexta e sábado, eu punha na beira da estrada e vendia tudo... com aquele dinheiro eu comprava comida, a semana inteira, eu comprava roupa pros meus filhos ir pra escola, olha... era um modo de sobreviver. Depois, o tempo foi passando, eles começaram a proibir forte né. (Tangará, 2019).

A seguir estão exemplos dos artesanatos de cipó confeccionados pela *Tangará*, conforme demonstram as Figuras 2 e 3:

¹¹ Festa típica da região, porém, foi proibida em 2011 por maus-tratos a animais.

¹² Procurou-se manter a transcrição das informações na íntegra, conforme o depoimento dos atores e atrizes, garantindo a originalidade das entrevistas. Sendo assim, não houve padronização ou correção dos relatos de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

Figura 2 – Artesanatos de cipó



Fonte: Autora (2019).

Figura 3 – Artesanatos de cipó



Fonte: Autora(2019).

Assim, em decorrência dessas proibições advindas de novas leis ambientais, a comunidade do Guaraguaçu vem sofrendo severas consequências de uma legislação que não reconhece o valor cultural enquanto recurso imaterial simbólico e os saberes locais dos povos tradicionais que vivem naquele território. Desconsidera, também, o fato dessa região de Mata Atlântica ter sido, por centenas de anos, manejada pelos povos e comunidades tradicionais, que utilizam os recursos naturais com consciência e respeito ao meio ambiente ao qual pertencem e possuem uma relação de mutualismo, conforme depoimentos da *Tangará*:

Então, o meu pai sempre deixou essa experiência [de extrativismo] com a gente. Ele dizia: 'oh, quando vocês tirarem [o cipó] de um lado, vocês deixam depois ele descansar por tantos mês, e vocês vão tirar do outro lado'. [...] Então nós ficava sempre abastecido porque nós cuidava, nós tinha aquele cuidado de tirar né.

Aos 10 anos começou a trabalhar na roça com o pai. Eu era menina e ele ensinava pra nós a responsabilidade de como você se sustentar na terra e sobreviver né. Então nós tinha período que nós plantava e como a gente não usava nenhum produto pra aumentar o tempo da colheita, porque se você planta abacaxi você tem que esperar dois anos pra colher porque nós não ponha produto pra crescer. Então nós não tinha só uma roça, tinha várias, pra respeitar o tempo da natureza.

Segundo Gonçalves (2009, p. 11), essa vertente ambientalista que expulsa as populações tradicionais e ignora a importância dos seus saberes é chamada de sociedade *contra* a natureza, sendo oriunda da Europa e Estados Unidos. Essa prática consiste numa imposição colonial, que o autor conceitua como “latifúndio genético”: “[...] tentar criar UC¹³, a pretexto de proteger a biodiversidade, expulsando povos e suas culturas que co-evoluíram com os ecossistemas é desconhecer todos esses fatos e a sua contribuição para toda a humanidade e o planeta”. Além disso, é fechar os olhos para os verdadeiros perigos que as práticas produtivistas e consumistas impostas pelos europeus e estadunidenses representam para a natureza.

¹³ Unidades de Conservação Ambiental.

A criação de parques e reservas no Brasil segue o modelo norte-americano, baseado numa visão do homem como destruidor da natureza. No contexto de rápida expansão urbano-industrial dos Estados Unidos, em meados do século XIX, os preservacionistas norte-americanos propunham “ilhas” de conservação ambiental onde o homem da cidade pudesse apreciar e reverenciar a natureza selvagem (wilderness). A partir daí iniciou-se uma política que até hoje domina o discurso e a prática das políticas ambientais, inclusive no Brasil. (BUZZATO, 2009, p. 17).

Segundo Ramos e Constante (2013, p. 5), moradoras da comunidade, “[...] as famílias não puderam continuar a fazer suas roças como antigamente e começaram a integrar-se à vida social semelhante à urbana, mas guardam ainda muito dos costumes rurais”. Essa situação levou muitos moradores a sair da comunidade e procurar emprego em cidades próximas, como Paranaguá, ou em outros bairros do município de Pontal do Paraná.

A gente começou pensar assim: já que não dá, já que não tem desenvolvimento, então vamos trabalhar de faxineira, ou vamo fazer alguma coisa pra colocar e sobreviver na beira da estrada, e os nossos filhos foram tentando estudar, estudar pra ter uma vida melhor. Acho que já faz uns 30 anos que a gente começou nesse desânimo de não fazer mais nada... muita gente foi morar pra Paranaguá, foi morar pra Curitiba. (Tangará, 2019).

Segundo Diegues (2017, p. 57):

A política ambiental equivocada, que transforma os caiçaras em moradores ilegais, e a especulação imobiliária, com a construção de casas de veraneio, expulsando-os de suas terras, são, ao nosso ver, os processos sociais que mais atingem o modo de vida caiçara, uma vez que levam à perda de seu território enquanto local de reprodução social. Esses processos aceleram, de maneira geral, o fluxo migratório para as favelas das cidades litorâneas, iniciado anteriormente.

Esse fato, muitas vezes, é erroneamente considerado como êxodo rural. No entanto, quando se excluem todas as possibilidades de sobrevivência das pessoas em seus territórios de origem, torna-se quase inevitável que elas se mudem para a periferia das cidades, sem meios de subsistência, caracterizando um processo de expulsão. Em função dessas mudanças, as famílias que costumavam realizar trabalhos coletivos se individualizaram, pois seus membros passaram a buscar outras atividades fora do rural (SILVA, 1997). Aqueles que optaram por ficar na comunidade ou permaneceram por não ter para onde ir, precisaram se adaptar às mudanças que vinham ocorrendo, buscar novas fontes de renda e ressignificar seu modo de vida. Ao questionar à Tangará o que mudou em sua vida a partir da proibição da extração de cipó, sua resposta foi bastante emblemática:

Os sonhos né. Os sonhos que você tinha de fazer algo permanente. Algo que foi construído permanente, a sobrevivência pela cultura... Mas fizeram alguma coisa pra retirar a nossa matéria-prima. Isso não poderia ser feito. Sobreviver da matéria-prima não precisava danificar [o meio ambiente] se fosse lá e tirasse algo pra você fazer e comercializar né, pra você sobreviver, é um modo de você sobreviver, mas não tivemos esse privilégio e daí foi desanimando, ninguém mais ficou em coletividade, em grupo, cada um quis saber do seu próprio umbigo, cada um ficou mais individual, cada um foi lutando por si próprio. Antes todo mundo era unido e dividia o serviço. (Tangará, 2019)

O processo migratório das populações caiçaras para bairros urbanos, no litoral, tem um impacto direto no seu modo de vida, pois, distantes do rio e da natureza, são impedidos de realizar suas atividades cotidianas, com isso, perde-se muito dos saberes locais e das práticas que fazem parte da identidade caiçara. Sobretudo, o esvaziamento das comunidades impossibilita a continuidade dos trabalhos coletivos antes realizados e que fomentam a propagação da cultura por meio da oralidade.

O rio Guaraguaçu (Figura 4) é um dos principais símbolos da comunidade, possui mais de 100km de comprimento e atravessa o município de Pontal do Paraná até encontrar o mar no balneário de Pontal do Sul. Como o objetivo da presente pesquisa é, também, visibilizar os saberes e as belezas naturais da comunidade caiçara, não poderia deixar de evidenciar o rio que é um dos seus maiores símbolos. Ao perguntar à Tangará, moradora antiga da comunidade, sobre a importância do rio para ela, sua resposta foi um depoimento emocionado:

Figura 4 – Rio Guaraguaçu



*“O rio assim é como um ícone né, uma referência. E como uma cultura né, pra mim, ele tem todo valor. Por isso que às vezes eu debato contra as injustiças que fazem contra o rio. Porque através desse rio foi o nosso alimento, foi nosso transporte, **ele foi pra nós um rio mãe**, que nos acolheu. Por que agora que nós temos tudo mais fácil, por que agora vai maltratar aquilo que nos ajudou tanto? **Pra mim é de muita importância esse rio. Eu tenho ele como meu pai e minha mãe.**”*

(Tangará, 2019)

Fonte: Autora (2018).

Segundo Skewes (2017, p. 186), “[...] para los indígenas sus ríos son sus hermanos y el monte merece respeto”. A relação dos grupos humanos com os outros elementos da natureza a partir das concepções dos povos tradicionais e indígenas é caracterizada pela interdependência, não havendo, pois, essa separação entre ambas ou um sistema de

exploração de um sobre o outro; o rio é considerado como uma pessoa, como um parente. “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo” (KRENAK, 2019, p. 40). O autor explica a relação dos povos indígenas com a natureza e faz alusão ao desastre socioambiental devido ao rompimento da barragem de rejeitos de mineração ocorrido no município de Mariana, atingindo as aldeias indígenas Krenak, localizadas às margens do rio Doce, no município de Resplendor, Minas Gerais, em 2015, deixando o rio muito doente, em coma:

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (KRENAK, 2019, p. 47-48).

No caso do Guaraguaçu, historicamente, a principal atividade relacionada ao rio era a pesca artesanal e o transporte através de botes. Também através do rio eram trazidos os mortos do município de Matinhos para serem enterrados na comunidade do Guaraguaçu, segundo moradores, o cemitério tem mais de 200 anos e seus parentes estão enterrados ali. Na atualidade, o rio possui igual importância, porém, é mais utilizado para realização do Ecoturismo na comunidade, com pesca esportiva, passeios de lanchas, barcos, dentre outros lazeres.

Conforme Brandenburg (2018, p. 16), “[...] no rural, não há espaços sociais vazios, há espaços carregados de sentidos, de interação e pertencimento quando há vida social”. Nessa perspectiva, na comunidade do Guaraguaçu, além do rio, outros símbolos foram ressignificados nas últimas décadas. O caiçara é uma identidade viva, em constante processo de transformação. Ainda que, muitas vezes, as transformações lhes sejam impostas de forma violenta, os caiçaras têm existido e resistido para manter viva sua cultura, seus saberes e práticas locais.

3.3 As r-existências caiçaras na comunidade do Guaraguaçu na atualidade

Para além das definições do termo “caiçara” expostas anteriormente através da literatura, é fundamental apresentar qual a visão dos moradores e das moradoras da comunidade do Guaraguaçu sobre o que é ser caiçara. Na seção II do questionário semiestruturado, os(as) entrevistados(as) foram questionados sobre o que é ser caiçara e quais os símbolos melhor representam a comunidade:

Ser caiçara pra mim... [pausa] eu pertenco um pouco indígena porque a minha bisavó era indígena. Meu avô já era italiano, do lado do meu pai, e do lado da minha mãe era ucraniano. (Tangará)

Ser caiçara é viver a vida simples da área rural, ter o contato com os alimentos, aqui nós produzimos nossos alimentos. Boa parte dos nossos alimentos nós produzimos, então nós temos a nossa autonomia alimentar. [...] ser caiçara é ter esse jeito simples de viver. (Tiriba)

[...] os símbolos que remetem o caiçara pra mim é a terra, o peixe, o mar, o rio. (Gralha Azul)

Como visto a partir dos depoimentos apresentados, o conceito de caiçara tem sido ressignificado pelos moradores da comunidade. Devido a vários fatores e fenômenos que têm ocorrido, os caiçaras necessitam constantemente se reinventar para continuarem r-existindo em seus territórios de origem.

Na década de 1990, com objetivo de manter viva suas histórias, seus modos de vida, e garantir seus direitos, os moradores viram a necessidade de se organizar e formaram a Associação Comunitária do Guaraguaçu – ACOMÇU, sob liderança de Paulo Méretica. Nesse sentido, as conquistas mais expressivas a partir do trabalho da Associação foram “[...] a construção da capela da igreja católica, o posto de correio, a administração comunitária do cemitério do Guaraguaçu, a implementação da creche e o café caiçara” (RAMOS, 2017, p. 6).

Segundo Maria Wanderley (2000), o desenvolvimento rural não depende mais apenas do setor agrícola, mas da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e interesses sociais, a partir de uma “ressignificação” de suas próprias funções sociais. Na atualidade, fala-se em ruralidades, no plural, devido às reconfigurações do campo, que têm apresentado novas funções sociais. Nesse sentido, as pessoas da cidade têm procurado o rural como ambiente para descanso, lazer e fuga dos problemas urbanos (SILVA, 1997).

Os moradores do Guaraguaçu têm visto nessa ocasião novas formas de gerar renda a partir do turismo de base comunitária e caminhadas à margem do rio, no entanto, mais importante do que isso é poder apresentar às pessoas a beleza natural da comunidade e o modo de vida caiçara. De acordo com Batistel (2014, p. 26) “[...] o Guaraguaçu está sendo muito procurado por ser um lugar calmo, próximo ao rio, e a natureza presente, usado pelos veranistas como refúgio dos grandes centros urbanizados”.

O turismo comunitário, solidário e sustentável apresenta-se como estratégia de sobrevivência e comunicação social de conservação de modos de vida e preservação de biodiversidade, organizado associativamente em territórios, como arranjos socioprodutivos e políticos de base comunitária, que se valem do consumo solidário de bens e serviços. (SAMPAIO *et al.*, 2011, p. 27).

O turismo comunitário pode ser definido como aquele que [...] desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida. (CORIOLANO, 2003, p. 41).

Silva (1997) chama de “*part-time farm*” o fazendeiro ou agricultor em meio período, ou seja, aquele que combina diversas formas de ocupação, uma pluralidade de atividades agrícolas e não-agrícolas, e não necessariamente assalariadas. Por exemplo, os moradores da comunidade do Guaraguaçu, embora estejam envolvidos com a terra, plantando alimentos para a própria subsistência ou para vender à beira da estrada, estão também envolvidos em outras atividades como o turismo, caminhadas, organização de eventos, atividades administrativas e comerciais.

Os espaços rurais e urbanos tendem a se assemelhar e a se interrelacionar, tendo em vista que essa aproximação remete à noção de urbanização do campo. Porém, “[...] para muitos, este conceito corresponde a uma visão 'urbano-centrada'” (WANDERLEY, 2000, p. 126). Quando se fala em “urbanização do campo”, soa como se o urbano estivesse invadindo o rural e transformando o rural em urbano, como uma espécie de aculturação, em que os costumes da cidade se sobressaem em relação aos costumes das pessoas do campo. No entanto, embora o rural se aproprie de artefatos e atividades até então restritos às cidades e, embora as distâncias físicas e culturais entre urbano e rural estejam cada vez menores, o que está acontecendo em algumas localidades é uma ressignificação das atividades do campo, como é possível observar na comunidade do Guaraguaçu.

O Café Caiçara da Dona Conceição é uma das principais atrações da comunidade na atualidade, oferecendo alimentos naturais e orgânicos, com receitas tipicamente caiçaras, ensinadas pelos seus antepassados. A seguir, na Figura 5, está uma imagem do Café Caiçara sendo servido pela Dona Conceição, juntamente com as alunas do PPGCTS do IFPR, durante evento acadêmico realizado na comunidade em 2018.

Figura 5 – Café Caiçara da Dona Conceição.



Fonte: Autora (2018).

A partir desses simbolismos, foi desenvolvido o Selo Guaraguaçu Caiçara, ver na Figura 6. Sua construção se deu de forma coletiva, com sugestões dos próprios moradores e moradoras, que escolheram os símbolos que, nas suas concepções, melhor representam a comunidade, como o rio, a vegetação e, claro, o sujeito caiçara, representado por uma mulher camponesa cultivando e cuidando da plantação. Silva (2019), à época mestranda do PPGCTS do IFPR, participou do desenvolvimento do Selo e descreve esse processo:

A simbologia do selo foi definida pela comunidade através de reuniões realizadas no período de 2018, nas casas dos atores locais. Foi definido a partir da comunidade o nome do selo, posteriormente os símbolos a serem inseridos: o rio Guaraguaçu, as plantas, como: antúrios, cattléya, o papel da agricultora familiar e as plantas medicinais. Essa simbologia resgata a flora e fauna da região, os saberes tradicionais, a agricultura de subsistência, o empoderamento do território, da identidade e das mulheres. (SILVA, 2019, p. 84).

SILVA (2019, p. 87) reforça a importância e os significados que o selo representa para a comunidade do Guaraguaçu:

A certificação é uma estratégia de fortalecer a comunidade, visto que ela será feita pela própria comunidade nos produtos, permitindo assim um ciclo de desenvolvimento, qualificação e reconhecimento do Guaraguaçu, com o intuito de ressaltar as semelhanças e promover a troca de experiências, reconhecer a capacidade de transformação coletiva e principalmente um comprometimento com o processo de desenvolvimento local.

A seguir, na Figura 6, observa-se o resultado final da produção do Selo Guaraguaçu Caiçara:

Figura 6 – Selo Social Guaraguaçu Caiçara.



Fonte: Haliski (2018).

Como forma de compartilhar tantas belezas e histórias, nos últimos anos, os moradores têm se dedicado em transformar a comunidade em atração turística. Além disso, é uma forma de ressignificar a paisagem e os usos dos recursos naturais, gerar renda e buscar meios de

continuarem r-existindo no Guaraguaçu com seu modo de vida caiçara. Devido aos diversos conflitos e embates que os moradores têm enfrentado ao longo das últimas décadas, contra a especulação imobiliária, contra o próprio Estado e os órgãos ambientais, há sempre a necessidade de os moradores estarem se reafirmando enquanto comunidade-tradicional-caiçara para lutar pelos seus direitos.

Anualmente, ocorre o Circuito Ecocultural do Guaraguaçu, com a caminhada na natureza. Na ocasião, o Café Caiçara da Dona Conceição atende os caminhantes, servindo-lhes alimentação saudável e nutritiva. “A Caminhada Internacional na Natureza ou o Circuito Ecocultural acontece na estrada ecológica nas margens do rio Guaraguaçu, um trecho da Mata Atlântica que possui uma natureza exuberante e se mantém quase intocada” (RAMOS e CONSTANTE, 2013, p. 22).

Figura 7 – Caminhada na natureza, Guaraguaçu



Fonte: Autora (2018).

Além do café caiçara, há outros comércios na comunidade, como floricultura, antiquário, pastelaria, bares, sorveteria e marinas à margem do rio Guaraguaçu. Nas proximidades, também estão localizados o sítio arqueológico de Sambaqui (Figuras 8 e 9), o forno secular Caieira (Figura 10) e a aldeia indígena M’Bya Guarani Sambaqui. A presença do Sambaqui enriquece ainda mais a localidade, considerado o maior do Paraná, com cerca de 30

metros de altura e mais de 200 metros de comprimento (COLLI, 2012). Antigamente, as conchas do sambaqui eram retiradas pelos colonizadores e queimadas para serem transformadas em cal e serem utilizadas na construção civil e pavimentação de estradas, porém, a partir de 1982, a lei prevê a preservação deste monumento histórico.

Figura 8 – Placa Sambaqui Guaraguaçu



Fonte: A autora (2018).

Figura 9 – Sambaqui do Guaraguaçu




Fonte: A autora (2018).

Figura 10 – Forno secular caieira



Fonte: Autora (2018).

Todavia, as transformações que vêm ocorrendo na comunidade do Guaraguaçu e no modo de vida caieira não é um caso isolado e não se restringe a essa comunidade. A ressignificação não está relacionada apenas a fatores econômicos, mas, principalmente, à questão sociocultural. Muitos elementos tradicionais da cultura caieira já não estão mais presentes na comunidade atualmente. A partir desta pesquisa, busca-se compreender o que tem



levado a essas transformações e essas “ausências” na comunidade. Se as ausências desses elementos culturais – como o fandango, os benzimentos e a festa do Divino – fazem parte de um processo “natural” e inevitável de urbanização do rural e/ou se estão relacionadas com a reconfiguração das religiosidades presentes na comunidade. Para tanto, é necessário compreender como se deu a formação das religiosidades na comunidade do Guaraguaçu, temática abordada no Capítulo II.

4 RECONFIGURAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO E SUAS INFLUÊNCIAS NO MODO DE VIDA CAIÇARA NA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira, apresentam-se as definições de religião para as Ciências Sociais e dados que apontam as transformações que vêm ocorrendo no campo religioso com a ascensão das igrejas evangélicas na América Latina. Esse fenômeno apresenta-se no Guaraguaçu com a inserção de igrejas evangélicas na comunidade a partir da década de 1960. Para tanto, é necessário compreender as classificações do termo evangélico e as diferenças entre as igrejas históricas e (neo)pentecostais. Sendo assim, na segunda seção, busca-se apresentar como se deu o processo de formação das religiosidades presentes nessa localidade e suas influências no modo de vida caiçara. Conforme apresentado anteriormente, há muitos simbolismos em torno do conceito de caiçara; saberes e fazeres tradicionais que há décadas estão em vias de extinção devido a vários fatores como a especulação imobiliária e as legislações ambientais, que provocaram mudanças significativas no modo de vida caiçara. No entanto, a reconfiguração religiosa teria contribuído para essas ausências na comunidade do Guaraguaçu? Para responder a essa pergunta, na terceira seção, apresentamos os resultados encontrados a partir da interpretação dos dados coletados através da Revisão de Literatura e Pesquisa de Campo. Sendo assim, a análise baseia-se principalmente nas narrativas dos atores e atrizes sociais que colaboraram com as entrevistas semiestruturadas.

4.1 Considerações sobre a ascensão do protestantismo na América Latina

A religião sempre foi objeto de estudo das Ciências Sociais, pois é um produto da ação da própria vida social. A existência e o desenvolvimento das sociedades estão associados à religião (EVANS-PRITCHARD, 1986). Segundo Geertz (2012), a religião pode ser definida como um sistema de símbolos, utilizado para estabelecer disposições e motivações nos seres humanos, a partir da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral. Para Durkheim (1996), a religião é um sistema de crenças e práticas referentes a coisas sagradas, ou seja, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral – a igreja – todos que se agregam a ela.

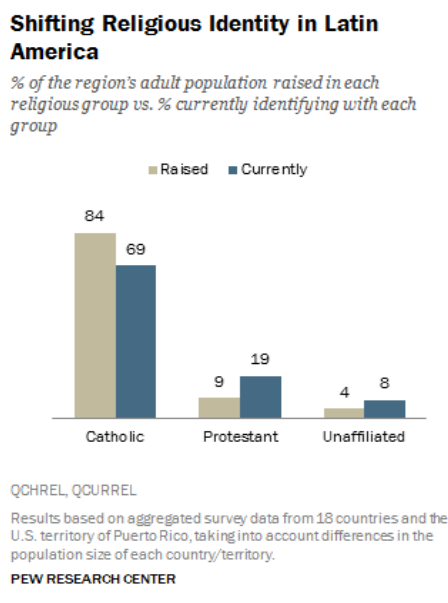
Cada religião possui uma identidade atrelada a uma infinidade de normas e práticas que visam moldar a conduta do ser humano, tendo em vista que se fundamenta nas representações coletivas, que têm poder coercitivo sobre os indivíduos. Sendo assim, a religiosidade apresenta a ideia do sagrado e do profano, ou seja, o que é permitido e o que é proibido. Segundo Durkheim (1996), o sagrado define-se por sua heterogeneidade, é absoluto para se distinguir

das outras coisas, diferentemente do profano, visto que as coisas sagradas são aquelas que protegem e isolam, enquanto as profanas são aquelas coisas das quais se protege, deve-se manter distância. Assim, como toda instituição social¹⁴, a religião também possui normas e padrões de comportamento.

A partir dessas definições, busca-se analisar e compreender as mudanças nos padrões de comportamento e sobretudo o modo de vida caiçara na comunidade do Guaraguaçu a partir das transformações que têm ocorrido no campo religioso nas últimas décadas, com a inserção das igrejas evangélicas na comunidade que tradicionalmente era considerada católica.

No entanto, essa reconfiguração religiosa não é um caso isolado do Guaraguaçu, mas é reflexo de transformações maiores. O cristianismo é a religião predominante na América Latina, sendo considerada majoritariamente católica. Entretanto, nas últimas décadas, tem ocorrido um fenômeno religioso que é a ascensão dos grupos evangélicos. Segundo um recente relatório do *Pew Research Center*, intitulado “Religião na América Latina: mudança generalizada em região historicamente católica”, observa-se que, em 2014, os evangélicos¹⁵ atingiram 19% dessa população, contra 69% dos católicos. Portanto, pode-se dizer que o catolicismo não possui mais o monopólio do cristianismo na América Latina, conforme demonstra Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Mudanças de identidade religiosa na América Latina



Fonte: *Pew Research Center* (2014).

¹⁴ A Instituição social é um modelo de controle do comportamento individual, utilizada como base para a identificação e classificação dos sujeitos na sociedade (BERGER, P. e BERGER, B., 2004).

¹⁵ O termo “Evangélico” é o mais utilizado, tanto no meio acadêmico como no senso comum para se referir aos cristãos protestantes e/ou reformados que são, sobretudo, os não-católicos, pois romperam com as doutrinas e os ensinamentos do catolicismo apostólico romano e (re)criaram seu próprio olhar para o cristianismo.

Os dados sobre a ascensão dos grupos evangélicos na América Latina refletem diretamente no Brasil, segundo Jungblut (2018, p. 77): “[...] na América do Sul, onde a presença da Igreja Católica é maior, o Brasil é o país com maior proporção de protestantes, com 26%”. Essa reconfiguração no campo religioso no país é notória nos censos demográficos realizados a partir dos anos 1950, e esse fenômeno se intensifica a partir da década de 1980, conforme mostra a Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Distribuição de católicos e evangélicos no Brasil de 1950 a 2010.

Filiação religiosa	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	94,50%	93,00%	91,80%	89,20%	83,30%	73,90%	64,60%
Evangélicos	3,40%	4,00%	5,20%	6,60%	9,00%	15,40%	22,20%

Fonte: Jungblut (2018).

Na América Latina, o termo Evangélico é utilizado para designar qualquer pessoa cristã que não seja católica. Esse movimento evangélico surge a partir da Reforma Protestante, período em que grande parte dos fiéis rompem com a Igreja Católica e criam suas próprias denominações religiosas dentro do próprio Cristianismo. Porém, não é possível simplesmente dividir os cristãos em “católicos” e “evangélicos”, pois dentro desses dois segmentos há uma diversidade de igrejas e denominações que se diferenciam umas das outras.

Por um lado, as igrejas protestantes são consideradas históricas, pois surgiram a partir e logo após da Reforma Protestante¹⁶, no século XVI. Estas são representadas principalmente pelas igrejas de luteranos, calvinistas, anglicanos, metodistas, presbiterianos, congregacionais, entre outros. Por outro lado, a partir do protestantismo, também surgiram os pentecostais, porém não são todos os tipos de pentecostais que são “aceitos” entre os protestantes, pois existem ondas (neo)pentecostais que possuem formas próprias de interpretar a Bíblia e doutrinas que divergem do movimento protestante reformado histórico.

Segundo Junblut (2018), o crescimento evangélico se deu muito em função do aumento do pentecostalismo. Freston (1994) classifica o surgimento do pentecostalismo no Brasil em três ondas de implantação de instituições religiosas: a primeira em 1910, é marcada pela chegada da Assembléia de Deus e Congregação Cristã; a segunda, entre as décadas de 1950 e 1960, momento em que o campo pentecostal se fragmenta, formando dezenas de outros pequenos grupos. Dentre as maiores instituições religiosas surgidas nesse período estão a igreja

¹⁶“A Reforma é tomada aqui como um movimento de reforma religiosa que resultou na formação de igrejas protestantes nacionais entre 1517 e 1545”. (CAIRNS, 2008, p. 251).

Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962); a terceira onda surgiu no início dos anos 1970 e 1980, apresentando um discurso embasado principalmente na cura e libertação espiritual, com ênfase em rituais de exorcismo e na teologia da prosperidade (espiritual e material), esse movimento ficou conhecido como neopentecostalismo, o qual é representado principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus.

A partir dos censos demográficos de 1991 a 2010, observa-se essa fragmentação do grupo de evangélicos, que podem ser divididos entre Evangélicos de Missão (igrejas históricas, clássicas) e Pentecostais, conforme Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Distribuição percentual interna dos evangélicos no conjunto da população brasileira, 1991 e 2010.

Filiação religiosa	1991	2010
Católicos de missão	3,00%	4,00%
Evangélicos de origem pentecostal	5,60%	13,40%
Evangélicos não identificados	0,40%	4,80%
Total	9,00%	22,20%

Fonte: Jungblut (2018).

A principal diferença entre as igrejas evangélicas pentecostais e as igrejas evangélicas clássicas ou históricas é que as pentecostais acreditam nos dons¹⁷ concebidos pelo Espírito Santo¹⁸, principalmente a glossolalia. Segundo Brandão e Jorge (2019, p. 82), outras características dos pentecostais consistem em:

[...] uma forte oposição ao catolicismo, alvo de críticas doutrinárias constantes; um caráter sectário bem demarcado, com baixo grau de proselitismo e elevado sentido de comunidade ou congregação e; como decorrência disso, uma pregação com ênfase no ascetismo, na rejeição do mundo profano e no isolamento da comunidade religiosa. A lógica doutrinária apontava que a salvação seria produto de um conjunto de elementos que envolvia a fé exacerbada ao lado de uma conduta moral e cotidiana radicalmente afastada das oportunidades de prazer material oferecidas pela sociedade envolvente.

Os fiéis dessas igrejas se destacam por adotarem uma característica de “evangelizadores”, ou seja, propagadores do evangelho, e por possuírem uma leitura bíblica mais centrada no Novo Testamento (MAFRA, 2001). Por possuírem uma característica “evangelizadora” e preocupada em se multiplicar, as igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais, estão cada vez mais presentes nas áreas rurais, quilombolas, aldeias indígenas, em ilhas, e inclusive em comunidades caiçaras, com objetivo de propagar o evangelho e converter

¹⁷ Segundo encontra-se em 2 Coríntios 12:1-11, são 9 os dons espirituais, sendo: a sabedoria, a ciência, a fé, dons de curar, operação de milagres, profecia, dom de discernir os espíritos, diversidade de línguas e, por fim, a interpretação de línguas (BÍBLIA SAGRADA, 2009).

¹⁸ É a terceira pessoa da Santíssima Trindade, responsável pela santificação do homem e purificação de seus pecados (IBADEP, 2004).

novos fiéis.

Segundo Brandão e Jorge (2019, p. 86), “[...] o fiel que é convertido corresponde àquele que se individualiza ao mudar de religião, pois se afasta ou rompe com vínculos anteriores – comunitários, étnicos, familiares etc”. Nesse sentido, busca-se compreender como esse fenômeno se apresenta nas comunidades tradicionais, sobretudo no campo de estudo da presente pesquisa. Para tanto, é preciso compreender como se deu a formação das religiosidades da comunidade do Guaraguaçu, desde sua origem até a atualidade. Para isso, o próximo item baseia-se principalmente nas narrativas dos atores e atrizes sociais.

4.2 Diversidade religiosa na comunidade do Guaraguaçu

Segundo Ramos (2017, p. 17), a religião sempre foi referência para a comunidade do Guaraguaçu, e “[...] a capela, localizada na beira da rodovia, serviu como referência para que os moradores fossem se instalando em seu entorno”. A Igreja Católica teve forte influência na comunidade no passado, porém, atualmente, a maioria dos moradores do Guaraguaçu consideram-se evangélicos. De acordo com a *Tangará*, a primeira igreja evangélica implantada na comunidade foi a Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG), no final da década de 1960. Posteriormente, foram inseridas a Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), respectivamente. Portanto, é nessa ordem que as religiosidades serão apresentadas nos tópicos a seguir.

- Capela São Pedro e São Paulo (CSPSP)

Figura 11 – Capela São Pedro e São Paulo (CSPSP)



Fonte: A autora (2021).

A Capela São Pedro e São Paulo (Figura 11) é o templo mais antigo da comunidade do Guaraguaçu. O catolicismo foi a religião predominante na comunidade até meados dos anos 1970. De tão antiga, a capela estava em ruínas, portanto, os moradores, a partir da ACOMÇU, decidiram reconstruí-la. A capela originalmente localizava-se na beira da rodovia PR 407, porém, entre 1991 e 1999, foram realizadas reuniões sobre a demanda de reconstrução da capela e ficou decidido, por voto da maioria, que o templo seria reerguido em outro terreno doado por um morador, aos fundos de uma rua, e não mais na rodovia.

A ACOMÇU tomou a decisão por maioria em construir uma nova capela da igreja católica, porque a antiga, localizada à beira da rodovia estava se deteriorando e em processo de demolição. Na gestão de 1991 o presidente da ACOMÇU considerou construir uma nova capela, maior e melhor. Para isso, doou um de seus terrenos e com ajuda da comunidade através de doações e festas, conseguiu erguer a capela e o salão de eventos no terreno doado. As festas foram chamando a atenção da comunidade caiçara e de turistas e ficando maiores a cada ano aumentando as colaborações em prol da comunidade. (RAMOS, 2017, p. 17).

Na tabela a seguir estão os registros em atas das reuniões realizadas pela ACOMÇU para decidir as pautas relacionadas à capela:

TABELA 5 – Construção da CSPSP (Ata da ACOMÇU)

CONQUISTA	Ata/data	Presentes	Local	Presidente	Decisões
Construção da capela	30/03/91	35	Escola Rural	Moradores Se organizando	Primeiras Considerações
	03/07/91	35	Escola Rural	Paulo Merética	Prestação de constas de levantamento de Fundos
	18/09/91	34	Escola Rural	Paulo Merética	Reprovação de construir a capela no terreno da Associação
	30/11/91	40	Escola Rural	Paulo Merética	Bingo para levantar fundos para a construção da capela
	10/04/99	13	Escola Rural	Paulo Merética	Fundos da festa de 26/07/98
	14/07/05	Diretoria + lista de presença	Escola Rural	Luzia Guimarães	O prefeito esteve na reunião para explicar sobre a construção do posto de saúde que não saiu do papel ainda.

Fonte: Ramos (2017, p. 17).

O terreno onde originalmente localizava-se a Capela São Pedro e São Paulo tornou-se centro comercial, onde é atualmente uma floricultura. As igrejas evangélicas estão todas localizadas na beira da rodovia, enquanto a igreja católica é a única que se encontra dentro da comunidade, ao final de uma rua sem saída. Com isso, observa-se que, territorialmente, as

igrejas evangélicas também se sobressaem, possuindo uma visibilidade maior de quem passa pela comunidade.

Com a chegada das igrejas evangélicas, muitos moradores católicos migraram para as novas religiosidades. A *Tangará* nasceu em 1955 e, desde então, vive no Guaraguaçu. Em seu depoimento, conta um pouco sobre esse processo de transição do catolicismo para a igreja evangélica e a abordagem realizada pelas lideranças religiosas para conversão de fiéis:

Quando os crentes vieram, eles começaram a visitar as casas, eles começaram a falar da doutrina, eles começaram a falar da idolatria, do pecado, que o santo é idolatria, foi feito pela mão do homem, daí eles começaram convencer os católicos que aquela religião era totalmente errada, que aquela religião não era aquilo que tava na Escritura Sagrada [Bíblia]. Eles [evangélicos] começaram a falar mais do Novo Testamento, as igrejas crentes pregam mais o novo testamento. (Tangará, 2019)

Segundo a *Araponga*, na atualidade, devido à grande diversidade de denominações religiosas na comunidade, muitos moradores deixaram a igreja católica e consideram-se evangélicos:

Nois era tudo da católica porque era a igreja que tinha né. Naquele tempo era o catolicismo a religião que predominava tudo aqui. Ai as pessoas pensaram “hum uma religião diferente” e começaram a seguir pra religião diferente...uma foi pra Batista, outra pra [Congregação] Cristã... Foram pra caminhos diferentes. (Araponga, 2020)

A seguir, apresentam-se brevemente as igrejas evangélicas presentes no Guaraguaçu, de acordo com a ordem de inserção na comunidade. Posteriormente, na seção 4.3 deste capítulo, realiza-se a análise dos impactos e influências que essas reconfigurações religiosas podem ter ocasionado no que tange aos modos de vida caiçara.

Figura 12 – Congregação Batista do Guaraguaçu (CBG)



Fonte: A autora (2021).

O termo “protestante” se refere às igrejas cristãs oriundas da Reforma Protestante ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento (MENDONÇA, 2005, p. 51). No entanto, segundo Jungblut (2018, p. 73-74), há divergências em relação ao termo, o qual “[...] é mais restrito, referindo-se, na maioria das vezes, aos grupos historicamente mais vinculados à tradição reformista iniciada no século XVI: luteranos, calvinistas, anglicanos, metodistas, presbiterianos etc.”

Os batistas apresentam certa resistência ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora seus princípios estejam embasados na Reforma. Por essa razão, o termo evangélico é mais comum, pois abrange todas as igrejas cristãs não-católicas. Os evangélicos possuem enfoque nos livros dos Evangelhos, Novo Testamento da Bíblia, que também era uma das pautas da Reforma Protestante.

A Igreja Batista faz parte de um grupo de protestantismo de missão e foi implantada na América Latina por meio de missionários (JUNGBLUT, 2018).

No Brasil, os batistas chegaram entre 1871-1881, através dos missionários norte-americanos que vieram do Sul dos Estados Unidos. Os primeiros missionários chegaram em 1881 com a tendência teológica dos “landmarkist”, que enfatizavam a conversão individual e faziam uso de uma hermenêutica fundamentalista. (ESPERANDIO, 2005, p. 23).

De acordo com informações na página *online* da Convenção Batista Brasileira (CBB)¹⁹, um dos objetivos, ou visão, desta igreja é “[...] consolidar nossa liderança como uma denominação voltada para a obra de expansão do Reino de Deus através da evangelização discipuladora e de missões no Brasil e no mundo”.

A partir dessa característica “evangelizadora” típica das igrejas protestantes, elas procuram se inserir em todos os espaços com objetivo de propagar a “Palavra de Deus” para todos aqueles que não possuem religião e/ou pertencem a outras religiões ou, ainda, são cristãos católicos. Considerando que os moradores do Guaraguaçu eram majoritariamente cristãos católicos, a comunidade se tornou um campo fértil para essas igrejas realizarem suas missões evangelísticas.

¹⁹ “A Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 8753 igrejas, 4.944 Congregações e 1.706.003 fiéis. Como instituição, existe desde 1907, servindo às Igrejas Batistas brasileiras com sua estrutura de integração e seu espaço de identidade, comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos Batistas do Brasil.” Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=19. Acesso: nov/2019.

Assim, a Congregação Batista do Guaraguaçu foi a primeira igreja protestante/evangélica a se inserir na comunidade, há cerca de 53 anos. O termo “congregação” no protestantismo se refere à reunião de um grupo menor de pessoas e que são dependentes de uma igreja maior, chamada de sede ou matriz. A *Harpia*, que concedeu entrevista para a realização deste trabalho, é membra da CBG desde que nasceu, há 52 anos, e explica essa forma de organização das lideranças da igreja:

Temos o pastor que é da PIB²⁰ de Paranaguá e aqui nós somos congregação, temos aqui um evangelista. É alguém que é liderado por outro líder. Não temos um pastor aqui. Temos um evangelista local e o pastor seria o da sede em Paranaguá.

De acordo com a “Declaração Doutrinária” da CBB, esses são os seis princípios prezados pela Igreja Batista: 1) Aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta; 2) O conceito de Igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas; 3) A separação entre Igreja e Estado; 4) A absoluta liberdade de consciência; 5) A responsabilidade individual diante de Deus; e 6) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas (CBB).

Uma das principais características das igrejas protestantes/evangélicas é a autonomia do fiel em relação à utilização da Bíblia. Ao contrário da Igreja Católica, nas evangélicas há o incentivo por parte das lideranças para que todos os membros tenham conhecimento das Escrituras Sagradas. Há um forte incentivo e acessibilidade a esses ensinamentos por meio de “cultos de estudos da Palavra” conhecidos como Escola Bíblica Dominical (EBD):

Tem que pesquisar, tem que ler a Bíblia. Não busca quem não quer. A Bíblia tá aí, tem Bíblia de todo jeito, tá fácil o acesso. Tem muitas pessoas que erram porque não conhecem a Escritura, porque ficam atrás de um pastor, não podemos ficar atrás de liderança. Atrás da liderança tem alguém que tem poder, tem Jesus, tem Deus, Espírito Santo Harpia 3).

De acordo com a *Gralha Azul*, que pertencia à Igreja Católica (CSPSP), mas hoje faz parte da CBG, a busca por essa autonomia em estudar e aprender sobre a “Palavra de Deus” foi o principal motivo para ela decidir mudar de igreja:

Porque eu tinha sede de aprender mais da Bíblia. Porque na católica é determinado. Por exemplo, naquele domingo tem aquela Palavra lá em provérbios, aí é só aquele pedacinho. Eles não estimula você a fazer uma sequência de leitura... E na igreja evangélica você aprende orar, eles ensinam até você a procurar as coisas na Bíblia.

Para essas crenças, a Bíblia serve de embasamento para justificar todas as atitudes do fiel. É a partir da interpretação das Escrituras que as pessoas têm a consciência do que é certo e o que é errado. Segundo a *Harpia*, a doutrina é uma espécie de “manual” para o crente. Dentre

²⁰ PIB: Primeira Igreja Batista. Cada município possui uma PIB que é a sede da Igreja Batista.

- Congregação Cristã do Brasil (CCB)

Figura 13 – Congregação Cristã do Brasil (CCB)



Fonte: A autora (2021).

- Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ)

Figura 14 – Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ)



Fonte: A autora (2021).

A Igreja do Evangelho Quadrangular representa a segunda onda de implementação do pentecostalismo no Brasil. O *Sabiá* frequenta a IEQ há 25 anos e conta que, antes de existir essa igreja na comunidade, a sua própria casa servia como “ponto de oração” e, posteriormente, seu avô doou o terreno para a construção da igreja:

Aqui na minha casa era o ponto de oração nos dias de semana. O grupo que se reunia pra falar da Bíblia e fazer louvor, aquela coisa toda... Só que dava muito trabalho porque às vezes chegava gente e acabava atrapalhando a reunião. Ai eu falei com meu avô, porque a gente tinha um lote na beira da pista ali, e eu falei com ele pra nois doar. Eu peguei e comprei uma casa pré-fabricada e coloquei ali, construí, eu mesmo construí. Eu mesmo peguei comprei a casa, construí ali, coloquei luz, tudo, e entreguei pro pastor de Praia de Leste (Pontal do Paraná-Pr) pra ele tocar, fazer o culto. Hoje foi reformada, é de material, certo. (Sabiá, 2020)

O pastor da IEQ (Liderança 2) do Guaraguaçu relatou em seu depoimento que, atualmente, essa igreja possui aproximadamente 70 membros ativos. Não são todos necessariamente moradores da comunidade, segundo ele, muitos vêm de outros municípios para congregar ali.

Segundo a Liderança 1, a Congregação Batista do Guaraguaçu já chegou a ter 60 membros ativos, mas, na atualidade, está com apenas 14 membros fixos. Um dos motivos da evasão de fiéis, segundo ele, foi o surgimento de novas igrejas e a diversidade religiosa na comunidade:

Olha, ali no Guaraguaçu, essa igreja já teve até 60 membros, hoje ela está com 14 membros fixos. Tem outras pessoas que vão mas não são membros da igreja. Quando eu peguei ela ali ela já tava bem deterioradas porque surgiram outras igrejas, né, ali do lado tem mais igrejas, e o povo que estava ali migraram, muitos foram embora, outros morreram. (Liderança 2)

De acordo com os depoimentos das atrizes sociais entrevistadas, essa mudança de denominação religiosa aconteceu de várias formas. Por exemplo, a Jacutinga e a Araponga, ex-católicas, tiveram seu primeiro contato com a igreja evangélica no período em que moraram em outros municípios do litoral do Paraná. Ao retornarem para a comunidade, passaram a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular. São muitas as motivações que levaram os moradores a migrar para as igrejas evangélicas. A Tangará relata que começou frequentar a Congregação Cristã do Brasil por insistência de sua irmã, e o que a motivou foi a busca da cura para sua filha que estava doente: “minha filha ficou entre a vida e a morte, ela foi curada do coração”. Tanto a Jacutinga como a Araponga relataram que no período de sua conversão à igreja evangélica estavam passando por problemas de saúde:

[...] eu tava bem mal com dor de estômago, não tinha remédio, daí eu tava na casa da minha prima em Paranaguá, ai ela chamou eu e levou eu [à igreja] quando chegou lá o pastor chamou eu lá na frente e ele orou...até ferida já eu tava...graças a Deus e

hoje eu sei que Deus ainda fala comigo, eu fui batizada com o espírito santo e tudo né. (Jacutinga, 2020)

Ah eu senti né acho que foi um chamado de Deus, porque se Deus chama a gente vai... porque eu fiquei doente... e lá [na Igreja IEQ em Paranaguá] eu fui curada na hora. Eu fui curada e daí Deus chamou eu né, Deus fala com a gente também. (Araponga, 2020)

Em linhas gerais, o que as igrejas evangélicas presentes no Guaraguaçu têm em comum é a forte oposição ao catolicismo popular a partir de doutrinas e regras de conduta que proíbem práticas tradicionais da comunidade. Na próxima seção, aborda-se de que forma a inserção dessas novas denominações religiosas vem modificando o modo de vida caiçara.

4.3 Mudanças no modo de vida caiçara a partir da inserção das igrejas evangélicas na comunidade do Guaraguaçu

Abumanssur (2011) realizou uma pesquisa intitulada “A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais” com grupos caiçaras e quilombolas do litoral de São Paulo-SP, na qual aborda o confronto entre modos de vida tradicionais e essas novas expressões religiosas. Para esse autor, o desaparecimento de elementos da cultura tradicional não tem relação com a inserção dessas novas religiosidades nas comunidades: “[...] o fandango virou folclore e não tem mais nenhuma relação com um estilo de vida que marcou e definiu a cultura caiçara. O pentecostalismo, coitado, tem pouca ou nenhuma responsabilidade nesse processo”. Ainda segundo ele, “[...] essas transformações culturais fazem parte de um processo comum e inevitável de ‘urbanização do rural’” (ABUMANSSUR, 2011, p. 409-410).

Em contrapartida, Setti (1986), ao realizar estudos com grupos caiçaras de Ubatuba, litoral de São Paulo, identifica que o protestantismo é agente destruidor do fazer musical caiçara devido ao impedimento do culto aos santos, pois elimina a possibilidade de prática musical ligada aos antigos santos da devoção. De acordo com a autora, “se o fiel, porém, aceita a ideia de que não há devoção possível, estão esterilizadas as principais fontes de produção musical”. Se para os evangélicos a devoção aos santos é profana, as demais atividades e práticas correlacionadas também são proibidas. “Em geral é mundano tudo aquilo que é ‘não-cristão’, isto é, não-protestante: festas, funções, encontros musicais, danças, cantorias, bate-pés, são consideradas atividades ‘mundanas’, portanto, proibidas” (SETTI, 1986, p. 271).

A partir da pesquisa de campo realizada na comunidade do Guaraguaçu, observou-se que muitos elementos da cultura caiçara foram desaparecendo ao longo das últimas décadas com a chegada das igrejas evangélicas. As perguntas de número 11 e 12 do questionário (Apêndice 1) aplicado aos moradores e membros das igrejas da comunidade são referentes às

atividades e práticas que, consoante a opinião e memórias desses sujeitos, caracterizam ou caracterizavam o Guaraguaçu, e quais são as festas típicas da comunidade. Em resposta a essas perguntas, todos os entrevistados citaram a Festa do Divino, afirmando que se tratava de um evento tradicional, vinculado à igreja católica, mas que há mais de 40 anos não ocorre mais. Mesmo os interlocutores mais jovens responderam que havia festas religiosas católicas na comunidade bem como bailes de fandango, pois ouviram seus pais e avós contarem.

A seguir, está um trecho da resposta da *Tiriba* sobre a prática de fandango da comunidade, conforme a pergunta de número 13 do questionário (Apêndice 1):

Olha, aqui na comunidade já não tem mais [fandango], porque com o passar do tempo essa cultura do fandango foi... as pessoas foram deixando de ser católicos, foram para outras religiões, e foram deixando o fandango, mas, em outras comunidades aqui do litoral o fandango é a expressão cultural caíçara mais viva que nós temos. (Tiriba, 2019)

A partir disso, surgiu a pergunta sobre o motivo pelo qual não havia mais bailes de fandango na comunidade. A resposta da participante foi a seguinte: “na verdade, toda a família dos fandangueros dançava [fandango], mas na medida que o patriarca da família mudou pra igreja evangélica, então a família inteira foi junto” (*Tiriba, 2019*).

A *Tangará*, ex-católica e atual evangélica, uma das moradoras mais antigas da comunidade do Guaraguaçu, conta com riqueza de detalhes e com certa nostalgia como eram as festividades locais:

Aqui a gente tinha muitos eventos... Nós tinha a Festa do Divino que vinham desde Guaratuba, aí eles vinham por Matinhos, Praia de Leste, Pontal (que hoje é Pontal do Paraná, mas antes era Pontal do Sul), vinha no Guaraguaçu. Daí eles iam pra Colônia Pereira, e de Colônia Pereira eles voltavam tudo aquele percurso... porque tinha a Trindade e o Divino né. Então o Divino saía primeiro... a Trindade era uma pombinha, que tinha o Espírito Santo; então aonde eles iam se encontrar era tudo em Guaratuba. Quer dizer que os dois faziam aquele mesmo percurso, e quando eles se encontravam, daí era a Festa do Divino... Esse encontro era a coisa mais linda. Então era assim: era um mastro, um pau, que daí eles fazia uma coroa branca, eu me lembro, a gente fazia tudo daquele papel crepom, nós fazia flor, e daí colocava uma pombinha né. Daí tinha aqueles que cantavam, os folião, que era eles quem cantavam e tinha os tripé que eles respondia e iam de casa em casa. Quando eles saíam de manhã, eles começavam bater um toque no tambor, era tão bonito sabe, porque dependendo a lonjura eles tocavam aquilo bem compassado. Quando ele ia chegando na casa, daí eles tocava aquela rabeca sabe... Nunca me esqueço, guria, tocavam aquela música, bem fininha aquela música e daí os folião começava cantar o Santo Rei. Daí vinham de encontro aquele família e estava tudo arrumado, esperando já a chegada, já com grande banquete sabe, tudo hospitaleiro, e ali eles cantava e daí ali cada um fazia uma promessa. Se você queria alcançar algo, né, aí você colocava uma promessa pro Divino Espírito Santo e daí amarrava no mastro. Guria aquilo ficava pesado de tanta promessa que faziam. E eu tenho certeza que eles alcançavam a promessa porque era uma cultura né. (Tangará, 2019)

Conforme Setti (1986, p. 271), “[...] ao novo crente só é permitido cantar durante os cultos e tocar algum instrumento aceito pelo guia espiritual”, assim, as músicas, danças e festas

tradicionais foram desaparecendo na medida em que os evangélicos se multiplicavam na comunidade do Guaraguaçu com a conversão dos católicos ao protestantismo. A Tangará e a Araponga, moradoras antigas do Guaraguaçu, contam como era a Festa do Bom Jesus de Iguape. Assim como a Festa do Divino, tratava-se de um evento tradicional da comunidade:

Aqui tinha fandango... meu pai que conta né que tinha os fandangos, as festas...então nessa casa aqui faziam a festa de Bom Jesus de Iguape né... Ai eles pegavam e faziam a festa do Bom Jesus de Iguape ai meu pai no quartinho fez um altar pra pôr os santos dele e ali ele fazia as novenas pra Bom Jesus de Iguape. Ai cada família trazia uma coisa pra ajudar na festa...

Nessa época eu era católica, eu cresci assim, e depois que eu fui pra evangélica. (Araponga, 2020)

A seguir (Figura 15) está a imagem do Bom Jesus de Iguape, ao qual as interlocutoras se referem. A imagem do santo foi retirada da comunidade do Guaraguaçu e foi levada para uma igreja católica na Ilha do Maciel, litoral do Paraná.

Figura 15 – Imagem de Bom Jesus de Iguape



Fonte: Haliski (2019)

Apesar de notar certa nostalgia nos depoimentos das atrizes sociais sobre as festas do Divino e do Bom Jesus de Iguape, ao serem questionadas se voltariam a participar de tais festividades, caso elas voltassem a ocorrer na comunidade do Guaraguaçu, todas as

participantes, que atualmente são evangélicas, responderam que não participariam:

Então, eu não participaria... Poderia até contribuir com algo, mas, pra mim participar dessa festa...porque eu sou hoje da Congregação [CCB], não sou mais católica né. Hoje eu sou da Congregação e a Congregação não pertence a festas religiosas por causa das doutrinas. (Tangará, 2019)

Não, eu não. Porque eu já entendo de outra forma. Eu não participaria da festa porque pra gente [evangélico/batista] seria idolatria. Mas se tivesse essa festa aqui eu acredito que muita gente iria participar. (Harpia, 2019)

Em sua pesquisa, Setti (1986, p. 269) identificou que devido ao crescimento da população evangélica em Ubatuba e com a repressão às práticas músico-religiosas, “[...] o tempo de percurso dos músicos da romaria, de bairro a bairro, de praia a praia, é atualmente calculado e medido em função do número de casas protestantes de cada bairro ou praia”. A partir disso, compreende-se que a extinção da festa do Divino na comunidade do Guaraguaçu está diretamente relacionada à ascensão dos grupos evangélicos.

*Permanece a prática da oração e mesmo o da oração cantada, mas são destruídos os ícones: destruída a familiaridade entre o *indivíduo* e o *santo*. [...] Além do impedimento desse convívio com imagens, papéis, fitas, medalhas milagrosas, ele vê descartadas as possibilidades das festas devocionais, seja como participantes ativos (como é o caso dos grupos de músicos e das procissões cantadas), seja como apenas espectadores, quando dão abrigo aos romeiros. (SETTI, 1986, p. 269)*

Dentre as ausências na comunidade do Guaraguaçu, destaca-se o uso de plantas e ervas medicinais para fins de cura. A Araponga, nascida no Guaraguaçu no ano de 1964, cresceu sob os dogmas do catolicismo. Seu pai era devoto de vários santos, líder espiritual e lhe ensinou muitos dos seus saberes sobre o uso de plantas e ervas medicinais, bem como a prática de benzimentos. Após o falecimento de seu pai, já casada, mudou-se para o município de Pontal do Paraná em busca de melhores condições de vida. Lá, começou a frequentar uma igreja evangélica sob influência de sua irmã que a levava aos cultos. Anos mais tarde, já evangélica, retornou à comunidade do Guaraguaçu e, desde então, frequenta a Igreja do Evangelho Quadrangular.

A minha irmã fica brava comigo porque ela diz que gente evangélico não pode ensinar remédio caseiro. Mas eu aprendi muito remédio caseiro com a minha mãe e meu pai. Ela [minha irmã] não ensina, mas às vezes eu ensino remédio caseiro... ela [irmã] diz: “ahh que não pode”, mas é uma coisa que a gente aprendeu com a mãe... Não pode porque diz que as curandeiras não herdarão o reino dos céus. Então não pode ensinar remédio caseiro. (Araponga, 2020)

Ao longo da entrevista, Araponga compartilhou algumas simpatias utilizadas durante os benzimentos que aprendeu quando ainda criança, vendo seus pais realizando os rituais de cura: “eu aprendi vendo o pai benzer, ele benzia muito.” Enquanto buscava na memória as rezas e

simpatias, a *Araponga* repetiu diversas vezes que não pratica mais benzimentos e evita ensiná-los, pois agora é evangélica e isso é pecado.

*Para curar dor de garganta, repita três vezes durante o benzimento:
“Nessa boca cristo entrou, campainha caída levantou”*

*Oração da Santa Luzia para curar as vistas:
Santa Luzia
Passai por aqui
Em seu cavalinho
Comendo capim,
Sangue de Cristo pingai aqui*

Westphal e Silva (2018) realizaram uma pesquisa em que abordaram as diversidades e complexidades religiosas na Ilha do Mel, litoral do Paraná, com grupos de pescadores artesanais, cuja realidade se assemelha com os dados coletados na presente pesquisa com o grupo caiçara:

Partimos do pressuposto de que a diversidade cultural de práticas e saberes da população tradicional possui, em seu germe, um pluralismo religioso em uma dimensão complexa de múltiplas abordagens. Na Ilha, são várias as expressões e manifestações de crenças e práticas de religiosidade popular de base rural latentes nas comunidades. Havia na tradição popular e religiosa do litoral e na Ilha do Mel rezadores e benzedeadas que aplicavam suas fórmulas e crenças em segredo, a fim de terem reconhecimento de seus saberes pelos doentes. As simpatias eram diversas, dispensando medicamentos. A medicina rústica ou caseira possuía uma relação imbricada entre as práticas mágicas, religiosas e empíricas repletas de simpatia e benzimento. Esse saber tradicional traduzia-se na prática fitoterápica da população tradicional, que procurava na natureza as condições necessárias para a cura de doenças. Na atualidade, quando se revitaliza a historicidade e a memória local, elas recebem a conotação estereotipada de um folclore tardio ou de esquecimento, como se os saberes e as práticas se perdessem e não resistissem a serem reconhecidos identitariamente na diversidade. (WESTPHAL e SILVA, 2018, p. 70-71)

Para além das ausências musicais, das festas tradicionais católicas, do fandango e das práticas medicinais rústicas ou caseiras, observam-se, também, mudanças nas representações coletivas. Segundo Durkheim (1999), as representações coletivas são uma forma de conhecimento produzida socialmente, como resultado de um esforço coletivo, portanto, não podem ser reduzidas aos indivíduos. As representações coletivas estão presentes na sociedade em forma de consciência coletiva²¹, sendo que são conceitos, hábitos e crenças construídos em conjunto, em um determinado grupo, formando uma identidade cultural, que traduzem a maneira como o grupo pensa as suas relações com os objetos que o afetam.

Segundo Setti (1986), a inserção de novos modelos religiosos em comunidades tradicionais pode ocasionar conflitos e divisões entre os moradores e fiéis. Considerando que

²¹ “Conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.” (DURKHEIM, 1999, p. 81).

uma das principais características da vivência em comunidade é justamente a união do grupo e das atividades coletivas, essa diversidade religiosa pode promover esse fenômeno negativo:

[...] a ruptura com a religião tradicional causa sérios problemas entre famílias, amigos, pois a dissensão religiosa tem levado também a uma dissensão no seio da família ou entre grupos de vizinhança, causando divergências entre cônjuges e ocasionando um clima de hostilidades entre católicos e não-católicos. (SETTI, 1986, 264)

De acordo com o depoimento da *Tangará*, é evidente tais mudanças de representações e comportamentos entre os moradores da comunidade do Guaraguaçu, devido à diversidade religiosa numa comunidade com uma população tão pequena. A divisão de fiéis entre as novas igrejas evangélicas inseridas na comunidade ocasionou um certo individualismo:

Muita doutrina acaba afastando as pessoas. Por exemplo, se tem uma comunidade aqui de 300 pessoas e se tem 3 ou 4 religiões, cada um faz culto na sua igreja, outro faz noutra, outro faz noutra...nunca se reúne tudo. Nunca forma aquela união, pra se unir né, pra falar a mesma linguagem; porque meu Deus todos nós somos iguais, somos cristãos, o Deus é o mesmo, Deus é amor... E isso as vezes me entristece sabe. Acaba separando porque por exemplo, quinta-feira tem um culto na congregação, aí aqueles membros não participam da reunião da Associação se for naquele dia. Aí quarta tem na Batista, sexta tem na Quadrangular, domingo tem na Católica. Então eu acho assim que cada um tem uma doutrina diferente. E daí cada um está indo atrás da sua igreja, e daí começa querer mais pra sua igreja, de querer prestar mais atenção no lado pessoal e deixar de lado a comunidade. Eu fico analisando deveria ser menos religião e mais união. (Tangará, 2019)

A partir do exposto, observa-se um modo de vida tradicionalmente pautado nas trocas, no coletivo/mutirões, nos usos da natureza (para chás, benzimentos etc), mas que foi sendo modificado por externalidades que levaram a uma fragmentação e até individualização. Não se trata de endeusar o catolicismo, pois sabe-se dos males que essa religião ocasionou, mas, de mostrar que no caso do Guaraguaçu houve um catolicismo popular que resultou de um modo de vida caiçara e que foi fundamental para a sobrevivência das pessoas que dispunham de muito pouco para sobreviver. Não menos importante é mostrar que o presente trabalho reflete um fenômeno latinoamericano, por isso a sua importância, ou seja, a partir de um estudo de caso está sendo evidenciado como os locais r-existem e se re-inventam dando um caráter dinâmico à cultura e trazendo consequências em nossas vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da presente pesquisa foi apresentar as permanências e as mudanças no modo de vida caiçara a partir da inserção das igrejas evangélicas na comunidade do Guaraguaçu, Pontal do Paraná-Pr. Como essa comunidade foi historicamente invisibilizada aos longos dos seus 150 anos de r-existência, um dos objetivos específicos foi evidenciar seus saberes locais.

Para tanto, no primeiro capítulo realizou-se a caracterização do campo de estudo, mostrando as riquezas naturais e a biodiversidade do território de Mata Atlântica onde a pesquisa se situa. Além disso, apresentou-se as transformações do conceito de caiçara para continuarem r-existindo em seus territórios de origem, apesar dos conflitos inerentes da especulação imobiliária que assola a comunidade e as legislações ambientais que transformaram parte de seus territórios em Unidades de Conservação de Proteção Integral, as quais proíbem práticas como o extrativismo e a agricultura, tradicionais dessa comunidade. Dessa forma, a economia e os saberes locais perderam parte de suas fundações e sofreram consequências desastrosas, inclusive com a saída de moradores da comunidade em busca de condições de subsistência, antes proporcionadas por tais práticas.

Nesse sentido, evidenciou-se a necessidade de uma legislação preocupada com a preservação do meio ambiente e com as populações que vivem em seu entorno e tradicionalmente utilizam a natureza como parte do seu modo de vida e também como meio de subsistência. Sendo assim, deveriam ser criadas Unidades de Conservação de Uso Sustentável nos territórios onde existe a presença de populações tradicionais.

No segundo capítulo apresentou-se as reconfigurações religiosas que vêm ocorrendo na América Latina nas últimas décadas, principalmente com a ascensão das denominações evangélicas a partir de missões evangelizadoras que levaram à ocupação de vários espaços rurais, como comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, entre outros. Assim, mostrou-se as alterações no campo religioso da comunidade do Guaraguaçu a partir da inserção do protestantismo nesse território em meados da década de 1960, com a chegada da Congregação Batista do Guaraguaçu e, posteriormente, com a inserção da Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular. Tais denominações atuam em oposição ao catolicismo popular, religião mais antiga, tradicional e que predominava em número de adeptos até a chegada dos novos modelos religiosos que resultaram numa diversidade religiosa e na divisão dos fiéis.

A partir do estudo de caso realizado na comunidade do Guaraguaçu, observou-se que tais reconfigurações no campo religioso ocasionou mudanças no modo de vida caiçara, principalmente no que tange à cultura, com a extinção de eventos tradicionais como as festas do Divino Espírito Santo e Bom Jesus de Iguape, festividades típicas do catolicismo popular. Outros costumes estão em vias de desaparecimento, como os benzimentos e o uso de plantas/ervas medicinais para fins de cura, impactando na relação dos moradores e moradoras com a natureza, uma das principais características caiçara. Essas restrições e proibições decorrentes do discurso protestante que considera tais práticas como pagãs e profanas, ameaçam os saberes locais que são (eram) tradicionalmente passados de geração em geração por meio da oralidade.

Partindo do pressuposto de que a religião, do ponto de vista científico e social, é também uma técnica, um artefato, e portanto, não é neutra. A religião enquanto produto humano está carregada de valores atrelados ao contexto histórico cultural no qual está inserida. Sendo assim, as igrejas apresentam contradições e ambiguidades, principalmente no que tange a cultura e a imposição de uma crença sobre a outra, levando à eliminação de saberes e práticas tradicionais.

Contudo, historicamente, tanto a igreja católica quanto as igrejas protestantes estão atreladas a um movimento latinoamericano de territorialização. Sendo assim, todas as igrejas presentes no Guaraguaçu fazem parte do processo de formação da comunidade e possuem responsabilidades em relação às mudanças no modo de vida dos moradores. Espera-se das lideranças religiosas um olhar para o outro (nativo), reconhecendo seus valores com o compromisso de não anular seus saberes e práticas tradicionais que configuram suas existências.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia literária, Elefante, 2016.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemmer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?. **Revista Desenvolvimento e meio ambiente**. Curitiba, v. 40, p. 231-151, abr/2017.

ABUMANSSUR, Edin Sued. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. **Horizonte – Revista de estudos de Tecnologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 396-415, set/2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p396/2917>. Acesso em: ago/2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**. Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago/2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: mar/2019.

BATISTEL, Andreia Aparecida. **Guaraguaçu e o turismo: um levantamento a partir do georeferenciamento e da percepção da comunidade**. 2014. Monografia (Curso Tecnólogo em Gestão de Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2014.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? *In*: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. p. 163-168. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

BÍBLIA SAGRADA: leitura, devocional, estudo. 2. ed. Bauru: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BUZZATO, Adriano César. **As comunidades locais e os conflitos de uso dos recursos naturais no litoral sul do estado do paraná**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudios Sociales**. Bogotá, n. 69, p. 79-90, 2019. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/10.7440/res69.2019.07>. Acesso em: ago/2020.

BRANDENBURG, Alfio. Ruralidades do mundo rural contemporâneo. *In*: BRANDENBURG, Alfio (Org.). **Mundo rural e ruralidades**. Curitiba: UFPR, 2018, p.11-21.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. 2 ed. São Paulo: Vida nova, 2008.

COLAÇO, Thais Luzia; DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter (Org.). **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COLLI, Sueli de Lima Santos. **Estudo da viabilidade de visitação turística no sambaqui do**

Guaraguaçu. Monografia (Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2012.

CONVENÇÃO BATISTA BRASIL (CBB). **Declaração doutrinária.** Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: nov/2019.

CORIOLOANO, Luiza Neide. Os limites do desenvolvimento e do turismo: *In*: CORIOLOANO, Luiza Neide (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 13-27.

DAGNINO, Renato. Tecnologia social: base conceitual. **Ciência & tecnologia social.** Local?, v.1, n. 1, p. 1-12, jul/2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cts/article/view/7794/6415>. Acesso em: dez/2019.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Anna (Org.). **Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador.** São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos. Diversidade biológica e cultural no completo estuarino-lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá. *In*: SKEWES, Juan Carlos; Haliski, Antonio Marcio (Org.). **El buen vivir: interculturalidades y mundialización, una mirada desde América Latina.** Curitiba: UFPR, 2017. p. 47-64.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Da divisão do trabalho social.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.x-y.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade Batista e o “espírito” da Modernidade. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia.** Local, v. 6, jan-abr/2005 –Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2137>. Acesso: out/2019.

ESTADES, Naína Pierri. O Litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento e meio ambiente.** Curitiba, n. 8, p. 25-41, jul-dez/2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22047/14408>. Acesso em: set/2019.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. A religião e os antropólogos. Tradução: Sérgio Lamarão. **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, mar/1986.

FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. **Religião e Sociedade** 16/3, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Política & Sociedade**. Florianópolis, n. 11, p. 41-70, out/2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1255/1200>. Acesso em: out/2019.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. O latifúndio genético e a r-existência indígena-campesina. **Geographia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 1-15, set/2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13431/8631>. Acesso em: ago/2020.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Evangelho e espiritismo**. São Paulo, 1995.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, p. 115-147, mar/2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: mar/2019.

HALISKI, Antonio Marcio; FLORIANI, Dimas; FLORIANI, Nicolas. Os usos da natureza e ambiente na comunidade do Guaraguaçu como elementos para uma proposta em torno da agroecologia em Pontal do Paraná-PR. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 1-20, ago-dez/2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Daniele%20Borges/Desktop/1049-5208-1-PB.pdf>. Acesso em: mar/2020.

HALISKI, Antonio Marcio. O diagrama da árvore de problemas aplicado como uma ferramenta para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Pontal do Paraná-Pr. **Encontro da Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade - IX ENANPPAS**, UnB, Brasília-DF, 2019.

IBADEP. **A trindade**. Guaíra-PR. 4. ed. 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pontal-do-parana/panorama> Acesso em: out/2019.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Evangélicos na América Latina: elementos para uma análise. In: SEMÁN, Pablo (org.). **Religiões e política em tempos de mudança**. 1 ed. São Paulo: Baioneta Editora, 2018.

KAMINSKI, Francista Moura. **Cipozeiras do guaraguaçu: entre a proteção ambiental e a manutenção da cultura local**. Monografia (Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2012.

KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARIZ, Cecília Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. **Revista Antropolítica**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 21-43, UFF, 1998.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**. São Paulo, n.67, p. 48-67, set/nov, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: set/2020.

MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 23-72.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Pesquisa qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde coletiva**. Rio de Janeiro, p. 621-626, mar/2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>. Acesso em: fev/2021.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. ed. 18, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 51-66.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 215-242.

PARANAENSE, Conselho de Desenvolvimento Territorial do Litoral. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Pontal do Paraná**. 2004.

PEW RESEARCH CENTER. **Religião na América Latina: mudança generalizada em região historicamente católica**. 2014. Disponível em: www.pewforum.org. Acesso em: jul/2021.

RAMOS, Daniele; CONSTANTE, Claudiomiro. **Café Caiçara: possibilidade de atrativo turístico para a comunidade do Guaraguacu**. TCC (Curso de Gestão de Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2013.

RAMOS, Daniele. **Associação comunitária do Guaraguacú (ACOMÇÚ): uma história a ser contada**. TCC (Especialização na Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2017.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce *et al.* Perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. *In*: SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce *et al.* (Org). **Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática**. Blumenau: Edifurb, 2011, p. 23-30.

SANTOS, Boaventura Sousa de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais à uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura Sousa de; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 23-72.

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, José de Souza. Agroecologia e a ética da inovação na agricultura. **Redes – Revista do desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p. 352-373, maio-ago/2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/9621>. Acesso em: mar/2020.

SILVA, José Graziano da. O novo rural brasileiro. **Nova economia**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43-81, maio/1997. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2253/1193>. Acesso em: ago/2020.

SILVA, Thaís Bordenowsky da. **A busca da construção da agroecologia e (re)valorização da comunidade do Guaraguaçu**: uma ênfase a partir da segurança alimentar. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Instituto Federal do Paraná, Paranaguá, 2019.

SIQUEIRA, Deis; Osório, Rafael. O conceito de rural. *In*: GIARRACCA, Norma (Org.). **Una nueva ruralidad en América Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

SKEWES, Juan Carlos. A indigenizar el mundo. *In*: SKEWES, Juan Carlos; Haliski, Antonio Marcio (Org.). **El buen vivir**: interculturalidades y mundialización, una mirada desde América Latina. Curitiba: UFPR, 2017. p. 179-191.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, estado e sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra epoca. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar e Abya-Yala, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas — o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos sociedade e agricultura**, p. 87-145, out/2000. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15>. Acesso em: set/2018.

WESTPHAL, Ezequiel; SILVA, Osvaldo Heller da. Entre brumas e clareiras: dinâmicas de uma ruralidade ausente nas manifestações sincréticas da população tradicional de pescadores artesanais na Ilha do Mel (PR). *In*: BRANDENBURG, Alfio (Org.). **Mundo rural e ruralidades**. Curitiba: UFPR, 2018, p. 67-91.

APÊNDICE

A – Roteiro de entrevista semiestruturada – Membros religiosos

Seção 1. Identificação do entrevistado:

1. Nome e/ou apelido (como é conhecido).
2. Idade.
3. Sexo.
4. Quanto tempo mora no local.
5. Onde nasceu.
6. Ocupação.

Seção 2. Modo de vida caiçara:

7. Identifica-se como caiçara (o que é ser caiçara)?
8. Como você se identifica ao morar neste local / comunidade (nativo, caiçara)?
9. Qual a importância da identidade local da comunidade?
10. Quais os símbolos que remetem a esta identidade?
11. Quais atividades culturais caracterizam a comunidade? Músicas, danças, etc.
12. Quais são as festas/eventos típicos da comunidade?
13. Há a prática do fandango na comunidade do Guaraguaçu?
14. Há quanto tempo não ocorre a festa do Divino na comunidade do Guaraguaçu? Qual ano foi a última edição?
15. Por quais motivos as festas e/ou o fandango não ocorrem mais na comunidade?
16. Se estes elementos culturais (festas e fandango) ocorressem hoje na comunidade, você participaria? Por quê?

Seção 3. Religiosidades:

17. Possui alguma crença religiosa? Qual? (religião/nome da igreja/denominação: católica ou protestante).
18. Frequenta alguma Igreja?
19. Essa igreja está localizada na comunidade do Guaraguaçu?
20. Com qual frequência vai à igreja? É um religioso praticante ou não-praticante?

21. Há quanto tempo frequenta essa igreja?
22. Já frequentou outra igreja/fé/crença/religião anteriormente?
 - a) Qual(quais) foi(foram) o(s) motivo(s) para deixar as crenças anteriores?
 - b) Quanto tempo passou fazendo parte de outros modelos religiosos?
 - c) Quais principais diferenças entre a igreja frequentada anteriormente e a atual?
23. Qual(quais) o(s) motivo(s) que te levam a frequentar esta igreja atualmente?
24. Como a religião lhe influencia/ajuda na forma de ver o mundo e a comunidade?

B – Roteiro de entrevista semiestruturada – Lideranças religiosas

Seção 1. Identificação do entrevistado:

1. Nome e/ou apelido (como é conhecido).
2. Idade.
3. Sexo.
4. Quanto tempo mora no local.
5. Onde nasceu.
6. Ocupação.

Seção 2. Modo de vida caiçara:

7. Identifica-se como caiçara (o que é ser caiçara)?
8. Como você se identifica ao morar neste local / comunidade (nativo, caiçara)?
9. Qual a importância da identidade local da comunidade?
10. Quais os símbolos que remetem a esta identidade?
11. Quais atividades culturais caracterizam a comunidade? Músicas, danças, etc.
12. Quais são as festas/eventos típicos da comunidade?
13. Há a prática do fandango na comunidade do Guaraguaçu?
14. Há quanto tempo não ocorre a festa do Divino na comunidade do Guaraguaçu? Qual ano foi a última edição da festa?
15. Na sua opinião, por quais motivos as festas e/ou o fandango não ocorrem mais na comunidade?
16. Se estes elementos culturais (festas e fandango) ocorressem hoje na comunidade, você participaria? Por quê?
17. Quais transformações ocorreram na comunidade nos últimos anos?

Seção 3. Religiosidades:

18. Qual igreja é liderada pelo senhor? Nome/denominação.
Quais os dias que ocorrem os cultos/missas nesta igreja?
19. Conte brevemente a história do surgimento/formação desta igreja.
20. Essa igreja está localizada na comunidade do Guaraguaçu?
21. Qual o motivo desta igreja na comunidade? Como veio parar aqui?
22. Qual a(s) principal linha de ação na comunidade?
23. Porque o Sr. Acha que tem tantas igrejas na comunidade?.
24. Há quanto tempo esta igreja está na comunidade do Guaraguacu?
25. Já frequentou outra igreja/fé/crença/religião anteriormente?
 - a) Qual(quais) foi(foram) o(s) motivo(s) para deixar as crenças anteriores?
 - b) Quanto tempo passou fazendo parte de outros modelos religiosos?
 - c) Quais principais diferenças entre a igreja frequentada anteriormente e a atual?
26. Qual(quais) o(s) motivo(s) que te levam a frequentar e liderar esta igreja atualmente?
27. Qual o motivo desta igreja na comunidade? Como veio parar aqui?
28. Como a religião lhe influencia na forma de ver o mundo/comunidade?

A – Mapa turístico do Guaraguaçu



PROJETO
GUARAGUAÇU
CAIÇARA



A Comunidade do Guaraguaçu, localizada às margens do Rio Guaraguaçu, possui trechos da Mata Atlântica preservados e embelezados por mangues apinhados de caranguejos; a fauna e flora local é rica, proporcionando aos visitantes espetáculos de bobos, capiratas e revoadas de pássaros como o guará. Um lugar apropriado para pesca esportiva, passeios de barcos e caminhadas pela Estrada Ecológica que leva a comunidade indígena Guarani Mbya e ao sítio arqueológico de Sambaquí (o maior Sambaquí do litoral do Paraná e o único tombado como Patrimônio Histórico Artístico) e seu forno de caieiras. A comunidade local oferece aos visitantes flopedagem em chácaras e a gastronomia típica como peles, galinha capuia, compotas, geleias, licores, produtos derivados da mandioca e banana que fazem parte do cardápio do Café Caiçara.

*O projeto Guaraguaçu Caiçara é um desdobramento de um projeto maior intitulado Das territorialidades tradicionais às territorializações da agroecologia: saberes, práticas e políticas de natureza em comunidades rurais tradicionais do Paraná. Mais informações em: <http://redescabcepcial.blogspot.com>

Instituições executoras envolvidas:

- Instituto Federal do Paraná - Paranaguá (Dr. Antonio Marcio Halski); antonio.halski@ifpr.edu.br
- Rede Casla/Capital - UNITMÉRANTE (Dr. Gladys R. de Souza Sanchez e Dr. Dimas Fioriani); dimes@casla.com.br
- Universidade Estadual de Ponta Grossa (Dr. Nicolas Fioriani); nicolas@uepg.br

1 **RECANTO DO GUARAGUAÇU** - Localização de casas, quiosque, com churrasqueira, caiaques, bicicletas, passeio de lancha, camping, locação para festas e eventos em geral. (41) 96830 8270

2 **CHÁCARA ESTÂNCIA GUARAGUAÇU** - Locação por dia para descanso, lazer, confraternizações e eventos. (41) 96674 5836

3 **MARINA TIETO** - Garagem, serviço de rampa, locação de embarcação, passeios turísticos. (41) 99824 0002

4 **TAMOIOIA MARINA** - Garagem, serviço de rampa, locação de embarcação, passeios turísticos. (41) 95282 4073

5 **BUTEIO DA FAMÍLIA** - Bebidas, lanches, afreços. (41) 99593 4424 (41) 99593 9421

6 **MARINA PARABO** - Garagem, serviço de rampa, locação de embarcação, passeios turísticos. (41) 99172 5056

7 **PLANTAS & FLORES** - Flores, mudas de árvores, tulíferas, palmeiras diversificadas, plantas ornamentais e serviços de jardinagem e paisagismo. (41) 99820 3879

8 **ANTIGUÁRIO DO TURCO** - Móveis antigos, musicos, móveis de decoração e decoração. (41) 99882 2857

9 **BANCA DO ZOO** - Mel, farinhas, cabraças, chapéus, frutas e verduras.

10 **BANCA DA MÁRCIA** - Mel, farinhas, cabraças, chapéus, frutas e verduras.

11 **CAFÉ CAIÇARA DO GUARAGUAÇU** - Pães, bolos, tortas, geleias, compotas, sucos, bucoiasa de banana verde, leite e café. O mais tradicional e delicioso café caiçara do litoral do Paraná. (41) 96554 9757

12 **SHILO PASTELARIA** - Oferece produção de pastéis e espaço para confraternizações. (41) 96810 8846

REALIZAÇÃO:

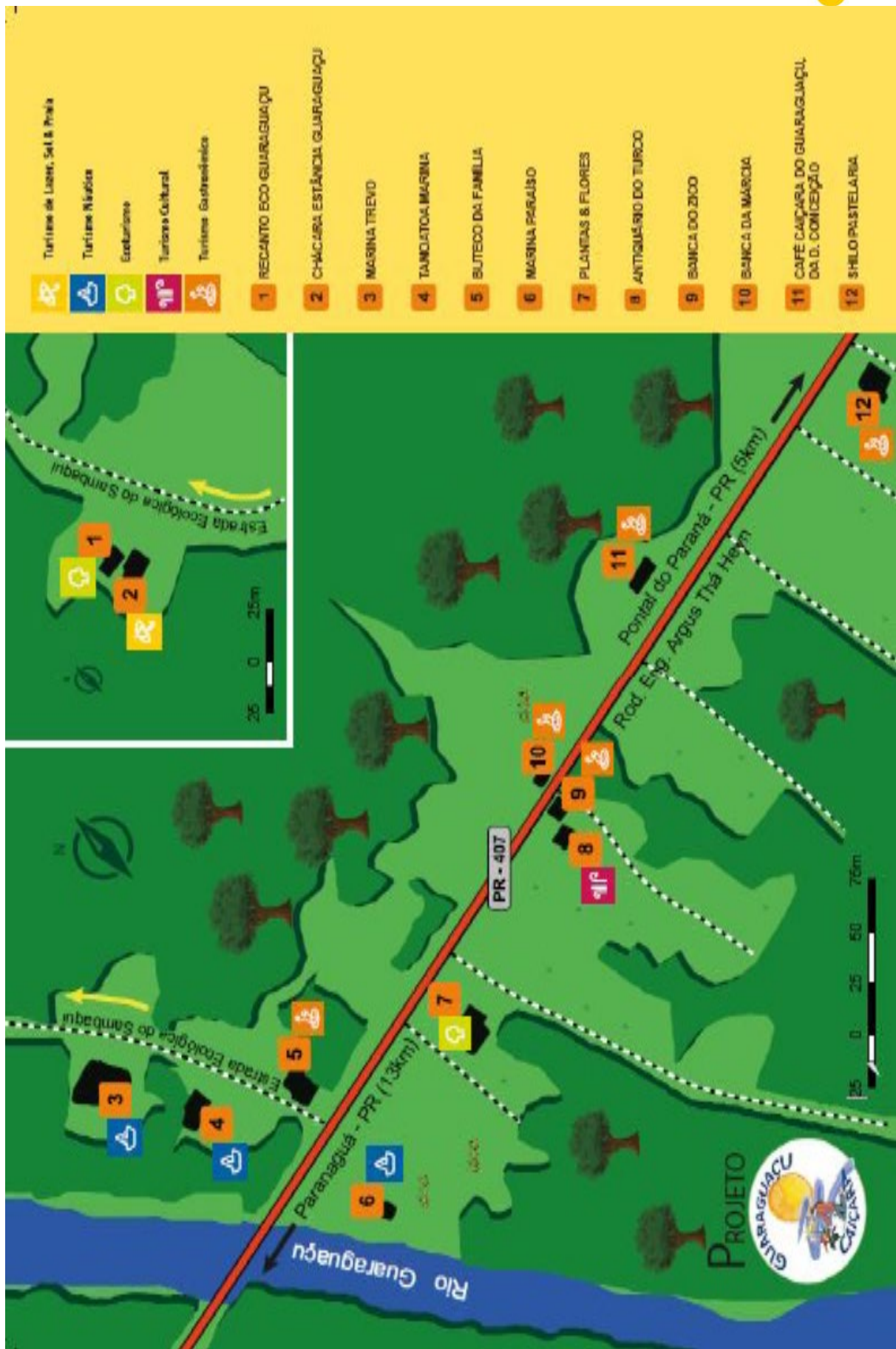


APÓCIO:



Ativ Aces:





ÍNDICE REMISSIVO

A

atrizes sociais, 14, 16, 18, 23, 30, 43, 47, 53, 56

C

caiçara, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 48, 49, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 68
campo religioso, 11, 12, 15, 17, 43, 44, 45, 60, 61, 62, 64
catolicismo, 11, 12, 15, 21, 44, 46, 48, 49, 54, 57, 59, 60, 61
ciência e tecnologia, 11
comunidade, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69
comunidade do Guaraguaçu, 12, 14, 17, 22, 28, 36, 42, 43, 57
comunidades caiçaras, 12, 14, 31, 46
comunidades tradicionais, 11, 13, 16, 17, 25, 26, 33, 47, 54, 58, 60, 62
conceito de caiçara, 14, 43
conectividade, 11
consumo popular, 17
contexto histórico, 13, 61
crescimento evangélico, 11, 45
cristianismo, 11, 12, 44, 62
cultura local, 24, 64

E

estilo de vida, 13, 54
evangélicos, 11, 12, 13, 27, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 64
evangélicos/pentecostais, 11

F

fenômeno social, 13, 16
funções, 20, 22, 37, 54

G

grupo social, 12, 17
Guaraguaçu, 4, 5, 6, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

H

historicamente, 11, 13, 15, 16, 31, 36, 44, 50, 60, 61, 65
históricos, 16, 24

I

Igreja Católica, 12, 21, 45, 47, 51
igrejas, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 23, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 59, 60, 61, 69
igrejas evangélicas, 12, 15, 43, 44, 46, 48, 49, 53, 54, 59, 60
igrejas protestantes, 13, 16, 45, 50, 51, 61
igrejas protestantes/evangélicas, 13, 51
inclusão social, 17
influência evangélica, 13

L

lideranças religiosas, 15, 19, 22, 23, 49, 61
locais, 15, 21, 23, 25, 26, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 55, 59, 60, 61, 62

M

memórias, 16, 55

metodologia, 14, 16, 18, 24

metodológicos, 14

modo de vida, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 26, 27, 28, 30, 31,
32, 34, 35, 37, 40, 41, 43, 44, 54, 59, 60, 61

modos, 13, 14, 24, 26, 28, 31, 37, 49, 54

modos de vida, 13, 14, 24, 26, 28, 31, 37, 49, 54

movimento evangélico, 11, 45

movimentos religiosos, 15

O

objetivo, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 24, 35, 37, 46, 50, 60

P

Paraná, 4, 6, 8, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 28, 29,
30, 31, 34, 35, 40, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 64,
65, 66, 74

participante, 12, 17, 20, 21, 55

pesquisa, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24,
27, 28, 29, 35, 41, 47, 54, 57, 58, 60, 64

pesquisadores, 14

prática, 14, 16, 27, 33, 34, 54, 55, 57, 58, 65, 67, 68

projetos, 11, 18, 19

R

relações, 11, 18, 31, 58, 64

religião, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 24, 43, 44, 47, 48,
49, 50, 59, 60, 61, 63, 67, 68, 69

religiosidades, 4, 12, 13, 15, 16, 17, 27, 42, 43, 47, 49, 54

Religiosidades, 4, 19, 67, 69

rio Guaraguaçu, 18, 40

ritual, 11

T

tecnologia popular, 17

Tecnologia Social, 8, 14, 16, 17

teoria, 14, 64, 65

trajetórias, 16, 23

transformação social, 17

transformações, 11, 12, 13, 15, 17, 27, 28, 30, 31, 36, 41,
43, 44, 54, 60, 68

V

valores morais, 11

SOBRE A AUTORA



DANIELE BORGES DA SILVA

Daniele Borges da Silva, 28 anos, mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR campus Paranaguá-Pr, possui licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus Toledo-Pr. Atua na área da Educação desde 2015, atualmente é gestora em secretaria escolar no Instituto Educ e polo da Faculdade Educacional da Lapa – FAEL, em Matinhos-Pr.

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

MODOS DE VIDA E RELIGIOSIDADES:

A COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO
GUARAGUAÇU - PONTAL DO PARANÁ-PR

Daniele Borges da Silva



2021



www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

MODOS DE VIDA E RELIGIOSIDADES:

A COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DO
GUARAGUAÇU - PONTAL DO PARANÁ-PR

Daniele Borges da Silva



2021

